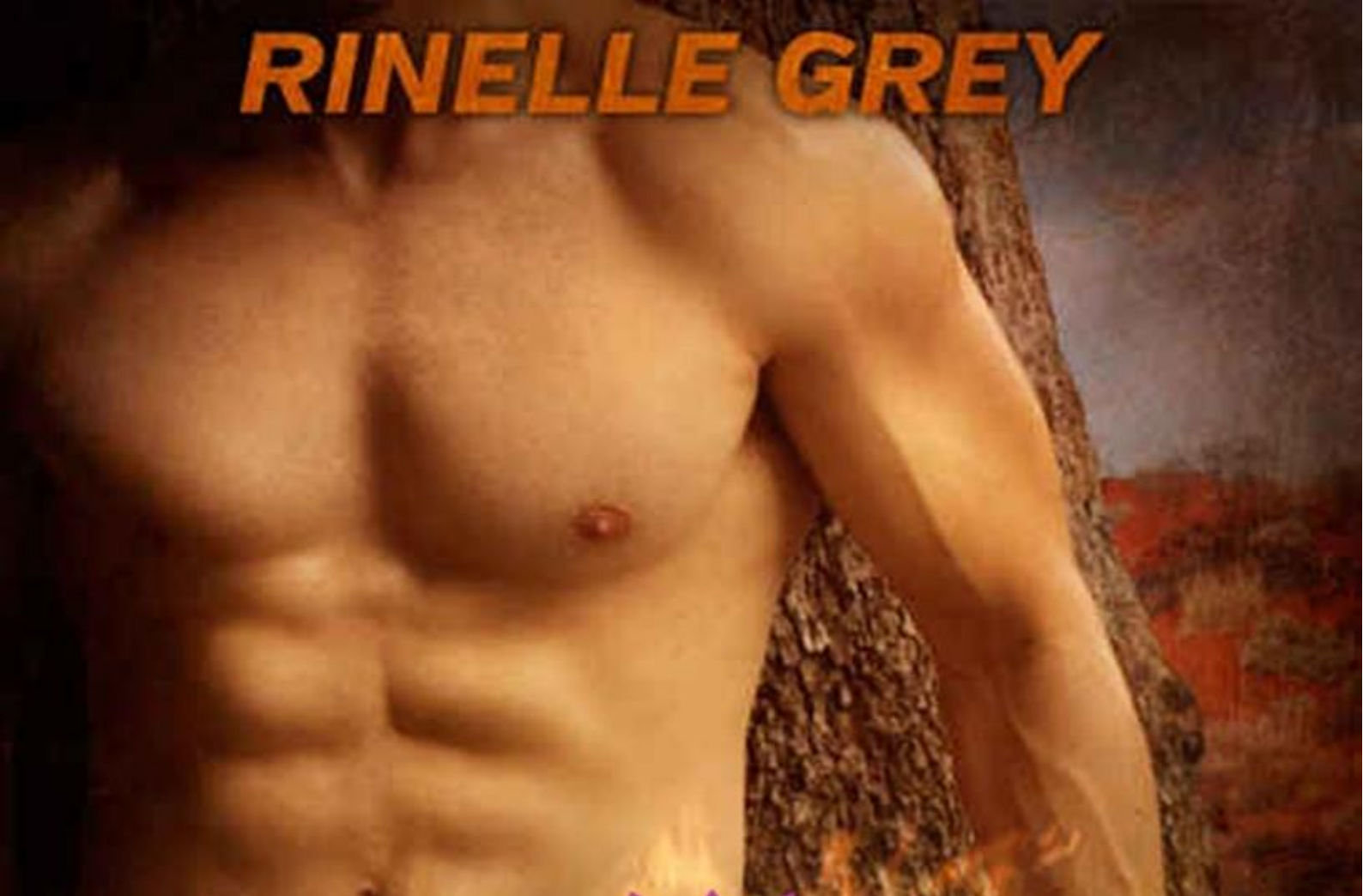
RINELLE GREY



DRAGON RUINS

1: WAKING THE DRAGON





Disponibilização: Flor de Lótus

Tradução e Revisão Inicial: R. Mahayana

Revisão Final e Leitura Final: Nita Oliver

Formatação: Amarilis Gerbera

Outubro/2017

Waking the Dragon

Dragon Ruins, #1

Rinelle Grey

Quando o seu sono de longos séculos termina abruptamente, Taurian, O Príncipe Dragão, encontra-se em um novo mundo. Agora, perseguido por um antigo inimigo, ele descobre que a sua sobrevivência depende da mulher humana cuja presença o acordou.

Karla é irresistivelmente atraída pelo homem seminu que descobriu em uma câmara antiga. Mas quando ele começa a afirmar ser um dragão, ela tem a certeza que ele é louco e que a coisa mais sensata a fazer seria deixá-lo na delegacia de polícia mais próxima.

Mas ela logo descobre que lidar com dragões não é assim tão simples.



Capítulo 01

Os olhos dele eram dourados?

Karla piscou de novo.

Isso nem sequer era a coisa mais estranha sobre eles, ainda mais bizarro era o fato de a pupila ser uma fenda estreita, como o olho de um gato.

Pessoas de olhos dourados não aparecem no grande rochedo de Mungaloo, e muito menos na loja de jóias. Na verdade, poucas pessoas entraram ali e ela certamente não esperava alguém a esta hora da tarde. Ela descartou o telefone em cima do balcão. Esta era uma distração bem-vinda depois de sua última conversa por mensagem de texto com Bruce. Ela deu sua atenção total ao cliente. Se isso é o que ele era.

— Você *precisa* ver isto. — O estranho estendeu uma mão perfeitamente cuidada e abriu-a para revelar algo pequeno e dourado.

Como arqueóloga, o interesse dela foi capturado pelo objeto quase tão facilmente como foi com os olhos estranhos. Aninhado na palma da mão, estava um pequeno medalhão de ouro, com marcas de martelo indicando que a imagem estilizada do sol tinha sido esculpida à mão. Se era uma farsa, era uma bem convincente, mas não havia dúvida de que não era do interior australiano.

—Você tem que ir até *Dragon Scales* [1] para ver por si mesma.— Karla não podia desviar a sua atenção para longe de seus olhos intensos. Havia algo cativante em suas profundezas. —Há uma câmara de séculos de idade no sítio onde encontrei isto. Você nunca sabe que outras relíquias podem estar lá.

Karla balançou a cabeça confusa. *"Dragon Scales"? O que ele estava falando? Um artefato como este não se encontra por aqui. Certamente, ele deve saber isso.*

Ela tentou acalmá-lo suavemente. —Deve ter sido perdido por alguém, não há nenhum artefato desse tipo no interior australiano. Os aborígines foram caçadores, não construtores.

—Eu encontrei isso em Dragon Scales. Há uma câmara lá, estou te dizendo.

A voz dele estava desesperada. O que ele queria dela?

—Você tem de procurá-las antes que as mineradoras as destruam.

Ahh... Karla fez uma careta em simpatia. Esse era o problema. Nunca conheceu o proprietário da área que estava prestes a ser explorada, não havia quaisquer casas lá, só uma estranha formação rochosa em arenito que se degradou num padrão irregular, mas ela agora entendia a razão para seu comportamento estranho.

—É a sua terra?— ela perguntou simpaticamente. —Me desculpe, mas você precisa de provas reais de que seja um sítio arqueológico para poder impedir um contrato de mineração. Eles nunca vão acreditar em algo assim.

—Karla? Há alguém aí?— chamou o pai dela. Ela ouviu seus passos vindo da residência nos fundos da loja.

---

[1] Local fictício

—Por favor, vá. Você verá.

O homem pressionou o medalhão na mão dela, fechando-lhe os dedos, seus olhos intensos capturando e mantendo a atenção dela.

Ela não conseguia desviar o olhar. E de alguma forma, ela não podia dizer não —Verei o que posso fazer.

Então ele se foi.

O pai dela entrou na sala, empurrando os óculos de leitura para cima de sua cabeça e segurando um maço de papéis na mão. A expressão esperançosa no rosto indicou que ele estava procurando por uma distração. Qualquer coisa para salvá-lo de terminar de cuidar dos seus impostos. Ele olhou ao redor da sala, como se esperasse ver alguém se escondendo atrás de uma das prateleiras. —Com quem estava falando? Era um cliente?

Bem, isto certamente proporcionaria uma distração.

—Um cara maluco que disse que descobriu isto em Dragon Scales.— Karla estendeu o medalhão. —Disse que há uma câmara lá, e que precisamos salvá-la antes da mineradora a destruir.

O pai dela pousou os recibos de impostos em cima do balcão e puxou os óculos para baixo. Tomando o medalhão da mão dela, ele examinou cuidadosamente, virando-o de um lado e do outro. Finalmente, ele devolveu-o a ela. —Você deveria ir lá verificar.

—Não sei.— Karla hesitou. Quando ela tinha olhado nos olhos estranhos do homem, ela tinha sido quase convencida de que valia a pena pelo menos conferir. Agora a realidade estava se reafirmando, e a ideia parecia absurda. —Ele está obviamente louco. Isso não é da Austrália. Ele está forjando provas na esperança

de impedir a empresa de mineração. Deus sabe que todos gostaríamos de ser capazes de detê-los, mas ninguém vai acreditar em uma história como esta.

—Aquele medalhão parece genuíno para mim, mas você é a especialista.

—Bem, certamente não é do interior australiano.

—Nada me surpreenderia em Dragon Scales.— disse o pai dela —Sempre digo que esse lugar não pode ser natural. Deve haver algo mais acontecendo lá. E se você for a indicada para descobrir que não é realmente uma simples formação de rochas que os geólogos dizem que é?

Karla mordeu o lábio. Porque ela não estava surpresa que o pai dela estava pronto para engolir a história louca do homem? O tom esperançoso na voz dele era quase o suficiente para a influenciar, mas ela endureceu o coração. Isto era um sonho alimentado pelo estranho.

O pai dela tinha tido muitos anos para verificar os mistérios aparentes do local, os mesmos que levaram a sua família a se mudar para Mungaloo anos atrás. Ela não podia culpá-lo por não passar tempo lá fora quando a mãe dela tinha ficado doente. Em vez de explorar a paisagem rural, o tempo do pai dela tinha sido ocupado com consultas e exames médicos da mãe dela.

Ela poderia entender que ele não tinha tido coragem de sair nos anos seguintes após a sua rápida morte. Mas ela tinha ido há doze anos. Sua fascinação com Dragon Scales era o que os tinha arrastado para aqui, seu décimo primeiro movimento em quinze anos. Então quando a mãe dela morreu, ele pareceu perder o interesse. Isso foi o que ela achou mais difícil de entender.

Fez tudo parecer como uma perda de tempo. Todas as mudanças de escolas, tudo o que a mãe dela teve de desistir para ele seguir seu sonho. Tudo isso não

significava nada no final porque ele aparentemente já não se importava com nada.

Karla virou o medalhão na mão dela, sem realmente o ver. Lágrimas turvaram os seus olhos. A lembrança ainda doía. O rosto suave de sua mãe desvaneceu-se em uma imagem dos agitados olhos dourados do homem e sua voz. *'Por favor'*.

A palavra estranhamente ecoou na cabeça dela.

Ela tinha dito que iria dar uma olhada. Se ela não o fizesse, sempre se perguntaria se realmente não existiria algo lá. E se ela pudesse provar, de uma vez por todas que não havia nada lá fora, nada com que valesse a pena incomodar-se, então talvez o pai dela resolvesse ir embora dali.

—Você não vai ignorar isso e voltar para a Inglaterra vai? E se isto acaba por ser um grande achado? Você poderia tornar o seu nome conhecido com algo assim. Você quer realmente deixar isso para outra pessoa?

Suas palavras eram tentadoras. Que arqueólogo não sonha com uma descoberta como esta?

Não, este era seu sonho. Seu caminho. Não o dela.

—Você pode sempre ir e ver por si mesmo.— Karla estendeu o medalhão para ele. —Você pode ser aquele que descobrirá se há algo estranho em Dragon Scales. Não é isso que você sempre quis?

Uma sombra atravessou o rosto do pai dela. —Não é minha área de especialização. Eu pensei que o mistério era geológico, mas está começando a soar como sendo mais do seu genero.— Sua negação foi muito rápida para parecer real.

Por quê? Porque ele tinha desistido de tudo o que ele queria quando a mãe dela morreu?

Talvez Karla precisasse descobrir este mistério. Se ela pudesse ajudar o pai dela a seguir em frente, talvez ela pudesse fazer o mesmo por si.

—Ou vai ignorar isso em sua pressa de voltar para o seu namorado petulante?— O pai dela estendeu seus dedos e moveu-os fazendo um gracejo, e Karla sabia que ele quis fazer isso como uma piada. Ainda assim doeu. Ela nunca foi correndo de volta para Bruce, mesmo quando ainda estavam juntos.

O pai dela não perguntara por que ela tinha vindo visitá-lo tão de repente, quando tinha estado aqui há poucos meses atrás. Ela não lhe contou que Bruce tinha terminado com ela, porque ela não tinha sido capaz de dar uma resposta à sua proposta de casamento.

Aos vinte e sete anos de idade, não era como se ela estivesse apressada por alguma coisa. Ela havia trabalhado muito e durante muito tempo para chegar até onde ela estava em sua carreira, e, no entanto, ainda havia muito espaço para avançar. Ela adorava trabalhar no campo, e seu relacionamento com Bruce tinha se adaptado perfeitamente. Ele próprio estava ocupado, gerindo as suas propriedades e nunca tinha feito quaisquer exigências do seu tempo. Ele entendeu suas ausências pelo trabalho e nunca se opôs a elas. Ele era constante e de confiança, e certamente nunca iria atrapalhá-la de alcançar os seus sonhos. A sua proposta nem sequer foi um choque. Estavam juntos há quatro anos. Por que ela não pôde simplesmente aceitar?

Porque não tinha sido capaz de fazer as palavras saírem.

Quando ele finalmente tinha percebido que seu silêncio não ia levar a um 'Sim', Bruce estava compreensivelmente ferido. Ele tinha dito a ela que se seu

relacionamento não ia a lugar nenhum, o melhor seria terminá-lo. Karla ficou tão aturdida que nem conseguiu argumentar.

Ela tinha fugido para cá, para o outro lugar que ela conhecia.

O por quê, ela não tinha ideia. Mesmo que ela e o pai tivessem vivido nesta casa juntos por cinco anos depois que a mãe dela morreu, nunca tinha sentido aquele lugar como casa. Era funcional. Deu-lhes privacidade, segurança e uma base, mas para Karla, sempre faltava alguma coisa.

Aquela alguma coisa que a mãe dela tinha sempre conseguido criar em todos os outros lugares onde tinham vivido. Sua mãe tinha andado pela casa assobiando tranquilamente, varrendo as tábuas nuas, costurando cortinas e almofadas e enchendo a casa de cheiros deliciosos. Coisas que ela nunca tinha notado até o dia em que ela se foi.

Ela fazia tudo com tanta alegria, que Karla nunca teria imaginado que por baixo de toda aquela felicidade havia um sonho não realizado. Ela sabia que sua mãe tinha desistido do seu curso de música na Universidade para seguir o pai dela, mas ela nunca tinha considerado que a mãe dela poderia ter se arrependido. Mas aparentemente ela tinha. Nas últimas semanas de vida, sua mãe perguntou-lhe o que ela ia fazer na Universidade. Então, murmurou tão baixo que Karla teve de se inclinar mais perto para poder ouvi-la perguntar-se o que teria acontecido se tivesse terminado a sua licenciatura em música.

E o pai dela se atreve a zombar dela por ir para casa com Bruce?

Ele nunca conheceu o namorado dela. Ele não sabia nada sobre ele. —Você não pode dizer isso sobre Bruce até ir a Inglaterra e conhecê-lo.

—Por que não o trouxe aqui para me encontrar?

Por que ela não o tinha feito? Não desta vez obviamente, mas por que ela não o trouxe antes? Bruce tinha sugerido algumas vezes nos últimos anos que ele gostaria de conhecer a família dela, mas ela sempre foi evasiva.

A verdade é que ela não conseguia imaginá-lo aqui, descendo a rua principal de Mungaloo na picape empoeirada do pai dela, ou à volta da mesa de madeira velha já desbotada, sentado nas cadeiras incompatíveis para comer salsichas. Bruce não se sentiria confortável aqui, nem mesmo só para uma visita.

E o pai dela nunca estaria confortável na casa de Bruce na Inglaterra, com o mobiliário antigo que tinha na sua família há gerações, ou os jardins bem cuidados.

Os dois não tinham nada em comum.

Seria o fato de deixar o pai que a estava incomodando? Ela amava o pai e sabia que ele sentia a falta dela desde que partiu para Inglaterra. Mas ela não podia viver a vida fazendo aquilo que ele achava como certo. Ela tinha a sua própria vida.

Talvez esta história sobre Dragon Scale, mesmo que pudesse ser falsa, fosse o que o pai dela precisava. Algo que lhe despertasse o interesse fora da loja pequena e silenciosa. —Por que não vem comigo para checar as coisas?— ela perguntou. —Você poderia detectar algo que eu não perceba.

O pai dela balançou a cabeça. —Eu não posso fechar mais cedo. Podem vir clientes.

Mas que desculpa mais esfarrapada. Afinal faltava apenas um par de horas até a hora de fechar, e Gav estava logo ao lado, muitas vezes olhando pela loja quando o pai dela tinha de sair. Karla tinha pensado que era falta de interesse,

mas ele estava declaradamente evitando Dragon Scale. Ele se sentiria culpado também pelos sonhos perdidos da mãe dela?

Karla hesitou, mas não valia a pena forçá-lo. Quando ela não encontrasse nada por lá, ele só ficaria desapontado. Talvez o que ela realmente precisasse fazer era provar que ele poderia fazer algo mais útil com a sua vida.

—Eu vou sozinha então. Você pode me ajudar a ajeitar a picape? Restam apenas algumas horas de luz do dia. Se vou fazer isso preciso ir hoje, pois não vou ter tempo antes do meu vôo pela manhã.

Eles trabalharam em silêncio para carregar o caminhão com água, alimentos e algumas ferramentas de escavação no caso de serem necessárias. Dragon Scales ficava a apenas uma hora de distância de carro, mas as estradas eram longas e solitárias, com nenhum sinal de telefone.

—Devo apenas levar algumas horas para descobrir que não há nada lá. Eu devo estar em casa na hora do jantar.

—Se você não estiver eu ligo para Gav e começamos uma expedição de socorro.— brincou o pai dela.

Como se isso fosse necessário. Não havia nada lá além de algumas rochas irregulares.

Karla deu-lhe um beijinho na bochecha e sentou-se no banco do motorista.

Capítulo 02

Depois de estacionar a picape na sombra de uma árvore castigada pelo vento, Karla saiu do ar condicionado e fez uma careta ao sentir calor intenso. Mesmo a esta hora da tarde, o calor ainda não tinha se dissipado. O melhor era acabar com isso tão rapidamente quanto possível.

Ela olhou para os painéis de vedação empilhados e para as escavadeiras que bloqueavam a vista da planície. Parece que ela chegou na hora certa. A cerca devia subir a qualquer momento. Até lá, estar aqui não seria uma invasão seria? Não é como se tivesse alguém aqui para ver. Encolhendo os ombros, Karla passou pelo equipamento de mineração e olhou para Dragon Scales, uma enorme área plana do tamanho de um campo de futebol. A beleza da área imediatamente bateu nela, como sempre acontecia. As rochas ondulavam como a impressão das ondas deixadas na areia na praia, exceto que eram mais uniformes. Pareciam realmente as escamas de um dragão gigante, impressionante e majestoso. Memórias agridoces rolaram na sua mente da primeira vez que o pai dela a trouxe aqui, antes mesmo de eles terem se mudado para cá. Ele tinha dito à mãe dela que um geólogo tinha determinado que as ondulações nas rochas eram o resultado da turbulência do vento enquanto assobiava entre dois picos a oeste.

Mas ele não acreditou.

Pessoalmente, Karla preferia a história que ela tinha ouvido alguns dos irmãos e irmãs mais novos dos seus amigos contarem. Eles sempre sussurraram que um dragão tinha enterrado a cabeça na areia para evitar o brilho do sol e foi transformado em pedra, e a areia o tinha lentamente coberto, até restar apenas a impressão das escamas.

Ela sacudiu a cabeça. Ela não estava aqui para admirar a vista. Ela precisava verificar a área rapidamente para que ela pudesse regressar para casa antes de escurecer. Segurando uma garrafa de água fora da picape ela começou a caminhar ao redor, pela beira do padrão em forma de escama. Ela não conseguia avançar seguindo o próprio padrão. Era perfeito demais para ser pisado casualmente.

Apesar do seu ceticismo, ela estava feliz por ter vindo. Algo sobre a natureza completamente selvagem e indomável daquele lugar a atingiu naquele momento. Podiam existir alguns lugares incríveis no Reino Unido, mas nada como isto.

Ela analisou como a formação era constituída. Era estranho por ser uma área isolada. O desenho oval e uniforme da rocha estava cercado por uma areia avermelhada, sem nenhum sinal de outras rochas nas imediações. Uma característica fora desse lugar, especialmente uma tão uniforme, poderia, em teoria, ser feita manualmente pelo homem, mas não haviam marcas que pudessem indicar que tivesse sido gravada ou feita por qualquer método de esculpir que ela conhecesse.

Todos sabiam sobre Dragon Scales. Se houvesse algo sobrenatural sobre esse lugar, alguém já teria descoberto. Mas ainda não tinha sido considerado bastante raro para que a área viesse a ser declarada protegida contra a mineração que estava prestes a começar. A formação era pequena demais e o carvão era muito valioso. Karla fez uma careta.

Na metade do caminho, ao redor do rochedo, a curiosidade levou a melhor sobre ela, então se agachou para examinar a forma mais de perto. Cada *'escama'* era quase uniforme em tamanho, com uma borda curva. A borda parecia ser quase que sobreposta à pedra debaixo. Eram uma única peça ou rochas

diferentes? Ela pegou um pau e raspou na borda, mas não conseguiu sequer encontrar uma abertura.

O olhar dela resvalou pelas ‘escamas’, com a persistente sensação martelando seu cérebro de que havia algo que estava deixando escapar. De repente, ela viu aquilo que o pai dela sempre tinha visto. Era perfeito demais. Os recursos naturais definiam-se pela sua irregularidade. Mas não havia uma pedra fora da formação.

Excitação borbulhava em seu peito. Poderia haver alguma verdade nas alegações do homem de olhos dourados?

Ela esmagou o sentimento impiedosamente. Ela não acreditava em contos de fadas. Ela acreditava em fatos, e mesmo que algo parecesse estranho sobre este lugar, ninguém nunca provou que fosse algo mais do que tinha sido sempre.

Uma estranha irregularidade em uma das escamas, a uma certa distência de onde ela estava, chamou sua atenção. Não era tão perfeito quanto parecia. Uma das rochas foi marcada pelo que parecia ter sido um dente. O sol da tarde brilhou na areia que havia na área. Karla cautelosamente pisou em várias outras *'escamas'* para olhar para a irregularidade.

Ela procurou no bolso de sua calça pela escova, mas não encontrou. Claro que não encontraria, ela tinha deixado suas ferramentas na Inglaterra. Agachando-se, Karla suavemente espalhou a areia.

Assim que as bordas do entalhe foram reveladas, Karla respirou fundo. A depressão certamente não era natural. Na verdade, era exatamente igual à forma do pequeno medalhão do sol.

O homem tinha dito a verdade.

Com a sensação de que tinha pisado no *set* de um filme de *Indiana Jones*, Karla tirou o medalhão do bolso e comparou-a com o recuo. Eles pareciam ter um ajuste perfeito.

Só havia uma forma de ter certeza. Karla virou o medalhão de cabeça para baixo e o encaixou na rocha.

Ela não tinha certeza do que esperar. Uma vida inteira de histórias de aventuras disse-lhe que algo deveria se mexer e um alçapão aparecer do nada. Mas nada aconteceu.

Ela censurou-se pela decepção que a atingiu.

Isto não era um filme. Esta era a vida real. E na vida real, não existiam civilizações antigas escondidas no meio do interior australiano.

Isso tinha que ter sido feito recentemente. A rocha nem estava degradada, provando que não podia ser tão antiga como o homem tinha alegado.

Ela se moveu para puxar o medalhão e poder verificar novamente, quando notou alguma coisa nele. Uma pequena oscilação mostrou que tinha se movido para a esquerda. Segurando a respiração, Karla rodou-o.

Por um momento, não aconteceu nada. Karla estava quase pronta para se repreeender por levantar falsas esperanças quando as rochas sob ela começaram a tremer. Deixando o medalhão onde estava, Karla tropeçou, seu coração batendo forte no peito.

Isto não podia estar acontecendo. Talvez ela estivesse sonhando.

Mas os tremores no chão abaixo dela, o silêncio repentino do canto da cigarra sempre presente não podiam ser fruto da sua imaginação. Ela nunca tinha tido um sonho tão detalhado assim. Tinha de ser real.

Assim que um orifício se abriu no meio das escamas, as rochas sobrepostas escorregavam umas para as outras. Karla preparava-se para sentir uma onda de ar pesado sair dali, mas em vez disso, era agradável e refrescante. Um cheiro levemente doce flutuava para fora.

O que estava lá em baixo? Ela olhava para o buraco, mas tudo o que ela podia ver era o início de uma escadaria de pedra, de cor correspondente à areia circundante, que levava para baixo. A escuridão envolvia uma parte da escada e ela não conseguia ver o seu fim.

Ela precisava voltar para a picape e pegar uma lanterna.

Depois de olhar para a escadaria uma última vez, ela levantou-se e limpou a areia dos joelhos. Enquanto caminhava para a picape, ela não pôde evitar olhar para trás, para a abertura.

Isto era incrível. Inimaginável.

Sua mente continuava tentando encontrar formas de que isto fizesse sentido. Talvez fosse um *set* de filmagem abandonado? Mas então porque ela nunca tinha visto o filme? Talvez tenha sido o esconderijo secreto de algum milionário excêntrico? Sim, ela poderia imaginar isso.

Mas isso não explicava a insistência do homem estranho com os olhos dourados. A menos que ele mesmo o tivesse construído. Por alguma razão, ela só podia vê-lo aqui. Assim que ela voltasse para a cidade, ela deveria verificar os registos das terras e ver quem era o dono desta área.

Enquanto ela estava aqui, no entanto, não custaria nada dar uma olhada lá embaixo.

Um calafrio desceu pela sua espinha. Normalmente, ela não pensaria duas vezes antes de entrar num antigo edifício sozinha, mas desta vez, era um pouco diferente. Depois da maneira como aquelas escadas tinham aparecido do nada, ela não ficaria surpresa por estar enfrentando armadilhas, poços estranhos, ou até mesmo algumas múmias e fantasmas.

Karla balançou a cabeça. Esses pensamentos eram simplesmente ridículos. O mecanismo que tinha aberto as escadas fora espetacular, mas apenas isso, uma brilhante peça de engenharia mecânica. Nada a temer. Provavelmente não era sequer tão velho assim, já que funcionou tão bem.

Chegando à picape ela pegou a lanterna e voltou para as escadas, fazendo uma pausa por um momento para tirar algumas fotos com o telefone. Os amigos dela nunca iriam acreditar nesta história. Pena que ela não podia publicá-las no Facebook agora, mas não havia nem sequer um único sinal de telefone aqui.

Ela guardou o telefone no bolso e aventurou-se a descer as escadas, testando cada degrau à medida que seguia. Mas cada um deles era seguro e ela atingiu o fundo sem nada emocionante acontecendo.

Iluminando com a lanterna ao redor da pequena sala, ela esperou ver caixas empoeiradas, talvez uma mesa ou uma secretária ou algo assim. Algo comum. Mas as paredes eram lisas e nuas, como a maior parte da sala. Com exceção de um estrado de pedra erguido no centro.

A respiração dela ficou presa na garganta. Em cima da pedra, estava um homem deitado, perfeitamente imóvel.

O olhar dela se arrastou até seu peito perfeitamente tonificado e bronzeado. A única coisa que cobria o corpo dele era um par de shorts justos de couro que deixava pouco à imaginação.

Ela nunca tinha visto alguém tão bonito. Ele era jovem, não muito mais velho do que ela, e suas feições finamente cinzeladas eram impecáveis. O comprimento do seu maxilar e o cabelo preto caído longe do seu rosto, davam-lhe uma visão perfeita. Por alguma razão, ele lembrava o homem da loja mais cedo, mesmo que seu cabelo fosse mais escuro e a sua mandíbula mais angular. Seus olhos estavam fechados, mas ela tinha a sensação de que quando eles se abrissem, seriam dourados também.

Quem era ele? O que ele fazia aqui?

Ele estava vivo? Ele era real?

Karla se sentiu atraída para frente, e foi iluminando com a lanterna o seu corpo. Ele não se moveu. Ela nem via o seu peito subir e descer devido à respiração.

Ele não poderia estar vivo.

Mas ela não podia ver um sinal de qualquer coisa que pudesse preservar aquele corpo. Simplesmente não era possível.

Ela estendeu a mão, hesitando, mas não conseguiu resistir. Colocou-a suavemente em seu peito.

Estava quente.

Capítulo 03

Sair do transe de *Mesmer*[2] nunca foi fácil. Taurian tinha-o feito várias vezes nos últimos meses para saber. Mas a mão quente, descansando no seu peito o ajudou a concentrar-se no presente. Ele podia sentir a força de vida da mulher fluindo através dele, fortalecendo-o e se conectando com sua própria força vital.

A fase seguinte do ritual tinha começado.

Exceto por um problema. Mesmo em seu meio torpor, ele registou imediatamente que a mulher era um ser humano. Não um dragão. A preocupação o arrastou bruscamente para fora do seu cálido casulo. Algo estava errado. Tinha de estar. Seus irmãos e irmãs mais velhos deveriam ter sido acordados antes dele, e eles teriam assegurado que um dragão adequado estivesse lá para despertá-lo.

Forçando os olhos abertos, ele encarou a mulher que tinha a mão no seu peito. Ele sentiu uma conexão íntima com ela através do toque, quase como se ele a conhecesse. Mas sua aparência era uma completa surpresa.

O suave cabelo loiro balançando em torno de seu rosto parecia certo, mesmo que a coloração fizesse lembrar mais um dragão do que os humanos que viviam aqui. Os olhos azuis que estavam abertos de surpresa também estavam bem. Mas as roupas que ela usava eram estranhas. A camisa era de um branco incrível, e as calças que ela usava eram largas e verdes.

---

[2] Franz Anton Mesmer (1734-1815), foi com este médico e músico alemão que nasceu a hipnose, na Europa, através de um método que, inicialmente, se chamou de Magnetismo Animal e, mais tarde, passou a ser conhecido por Mesmerismo. Mesmer acreditava em um fluído energético universal, capaz de engendrar, através do mesmo, um magnetismo entre seres humanos.

Algo estava muito errado. Que um ser humano estivesse aqui, em vez de um dragão já era estranho o suficiente, mas que ela fosse tão diferente dos outros seres humanos da área era além de estranho. Ele nunca tinha visto um ser humano com pele clara e cabelo loiro antes. Ele tinha ouvido falar deles é claro. Ouvira dizer que, muito tempo antes de seu nascimento, os dragões tinham vindo de uma terra onde as pessoas se assemelhavam mais a eles.

Sua presença aqui não aliviava suas preocupações.

As histórias que ele tinha ouvido sobre aqueles outros seres humanos, como eles tinham tentado por várias vezes matar o seu povo, sempre deixou seus cabelos em pé. Os dragões tinham fugido para cá para escaparem deles e viveram em paz durante centenas de anos.

Até agora. Se os humanos estavam aqui, isso significava que os dragões estavam em perigo? Era por isso que seus irmãos e irmãs não estavam aqui para acordá-lo? Ele precisava fazer algo e rápido.

Mas primeiro, ele precisava de um pouco de energia. O que significava que ele precisava acasalar. E esta era a única mulher presente. Aquela que poderia ser o seu inimigo. Taurian esforçou-se para se elevar sobre um cotovelo para dar um olhar mais atento à mulher. Embora os seus ferimentos da última batalha estivessem totalmente curados, a energia que a cura tinha retirado do seu corpo precisava ser restabelecida.

A mulher arrancou a mão do seu peito e deu vários passos para trás, quebrando a conexão. Taurian murmurou um grunhido de frustração ao perder o seu calor e energia. Ele não sabia nada sobre ela, não tinha nenhuma ideia se podia confiar nela ou não, mas ele precisava dela. O seu corpo já doía para completar o ritual.

Ela parecia bastante inofensiva. Ele podia vê-la sem armas ou outras ameaças. E ela estava sozinha. Uma vez que o ritual estivesse concluído, ela não seria nenhuma ameaça para ele. Ele só precisava terminá-lo.

Ela balbuciou algo incompreensível, embora Taurian tenha pensado que ele saberia o que ela estava dizendo se conseguisse se concentrar o suficiente. Ele franziu a testa, sua apreensão aumentando. O que tinha acontecido enquanto ele estava dormindo? Como tinha mudado tanta coisa em um tão curto espaço de tempo?

Havia tantas coisas que ele precisava saber... e a mulher era sua única fonte de informação. Amiga ou inimiga, ele precisava ter a conexão de volta. Ele tentou levantar-se novamente, mas faltou-lhe energia.

Desistindo, ele tentou algo diferente. Ele estendeu a mão para a mulher, esperando que ela entendesse o gesto. Esperando que ela se importasse.

Ainda dizendo palavras que ele não conseguia entender, ela deu um passo em direção a ele. Depois outro. Os dedos dela estenderam-se para a sua mão e ele prendeu sua respiração.

Seu toque era como seda deslizando através de sua pele e ele suspirou aliviado enquanto seu calor se espalhava através dele.

—...deveria chamar a polícia, ou talvez a ambulância. Ou algo assim. Você precisa de ajuda.

A maioria das palavras que ela usava não tinham significado nenhum para ele, mas pelo menos ele conseguiu entender algo —Sim, preciso de ajuda. Mas você está aqui agora, e você vai me ajudar.

Ela deu-lhe um olhar estranho. Tinha ele falado algo errado? Ou ficou surpresa por ele esperar que ela o ajudasse?

—Então você fala inglês. Por que não respondeu antes? Quem é você e o que faz aqui? Você não sabe que eles vão cavar um grande buraco aqui qualquer dia desses? Todo este lugar vai ser destruído.

Sua resposta surpreendeu Taurian, principalmente suas preocupações sobre quem ele era.

—Destruído?— ele repetiu —Esta terra é reivindicada pelo clã Rian, e ninguém se atreveu a desafiar-nos durante séculos. Quem ousa agora?

Havia aquele olhar estranho novamente. Ela nunca tinha ouvido falar do seu clã? Se ela não estava aqui pelos dragões, então por que estava aqui?

—Não importa quem é o dono da terra. Se uma empresa de mineração encontra recursos sob o solo, eles têm o direito de os explorar.

Mineração? Empresa? Novamente, ele não entendeu as palavras, mas não importava. Havia outras necessidades mais urgentes.

—O Clã de Rian. Onde eles estão?

—Quem é você?

Ele estava segurando a mão dela há tempo suficiente agora, ele já havia ganho alguma força. Empurrou-se para ficar sentado. Ela tentou dar um passo atrás, para retirar a mão dela longe dele, mas desta vez ele estava preparado para isso e usou toda a força que ele havia ganho para a segurar. Ele não podia arriscar perder a sua tábua de salvação.

—Eu sou Taurian, Príncipe do Clã Rian.

—Você está louco.— Em vez de se sentir impressionada com o seu pronunciamento e de imediato proceder a reverência que a ele era devida, a mulher teve a insolência de retirar a mão dela fora da dele com um empurrão.

Taurian ficou tão surpreso que não teve tempo de reagir e impedi-la.

Ela recuou até a escada, levantando as mãos como que para afastá-lo.

—Eu não sei o que você está fazendo aqui, ou porque seus olhos são assim, ou como você convenceu o outro a atrair-me até aqui com o medalhão, mas vocês são todos loucos e eu não quero participar disso.

Se ela sabia quem ele era, estava fazendo um excelente trabalho em esconder. O medo dela parecia completamente genuíno, e se ele não fizesse algo rapidamente, ela estaria no andar de cima e teria ido embora. E ele precisava desesperadamente da sua ajuda.

Taurian ergueu-se para ficar de pé, tropeçando um pouco assim que os pés pousaram no chão. Ele agarrou o lado do estrado por um minuto. Não podia dar-se ao luxo de tropeçar ou parecer fraco. Agora não. Não quando ele estava em uma posição tão vulnerável.

Então as palavras da mulher fizeram eco.

—Outro homem? Como ele se parecia?— ele perguntou bruscamente. De suas palavras, ele adivinhou que um dragão a tinha enviado e não outro ser humano. Mas por quê? Se fosse do seu clã, que viessem eles mesmos. Se não fosse...

Seria um truque? Um dragão rival seria gravemente ferido se passasse pelas proteções em torno de sua câmara, mas não se fosse um ser humano. O Clã Trima enviou um humano para acordá-lo para que eles pudessem atraí-lo?

Ela dobrou os braços e olhou para ele.

—Pare de fingir ser inocente em tudo isso. Já ouvi desses tipos de coisas antes. Só queria que eu estivesse aqui sozinha, não era? Bem não vai funcionar. Meu pai vai estar procurando por mim se eu não estiver em casa em uma hora. E você não vai querer enfrentar o meu pai quando ele está zangado.

Os olhos dela perfuravam-no e ele sentiu o peso de sua desaprovação.

Não, ele provavelmente não queria enfrentar o pai dela quando ele estivesse zangado. Correr contra um pai defendendo suas crias nunca foi uma boa ideia. Ela estava bastante irritada. E a última coisa que ele precisava agora era outro inimigo.

Mas uma vez que o ritual de Mesmer foi iniciado, ele não podia ser interrompido. Eles precisavam permanecer em proximidade até que estivesse completo, ou ambos poderiam morrer. Ele precisava tê-la ao seu lado e rapidamente. Mas como?

Ele precisava apelar à sua natureza protetora. E torcer para que ela tivesse uma.

—Por favor.— A palavra chocou-o. Um príncipe de Rian não precisa pedir por favor a ninguém. Mas Taurian faria tudo o que tivesse de fazer para proteger seu povo. Ele tentou não deixar que o pensamento de que pudesse não restar mais ninguém entrasse na sua mente.

—Por favor, não queria aborrecê-la. Algo deu errado.— Ele precisava manter isso simples e descobrir mais, antes de se comprometer. —Eu não sei o que está acontecendo, mas não quero te machucar. Preciso de sua ajuda para encontrar meu povo.

O olhar de desaprovação não se desfez. —Você pode contar sua história à polícia. Vou enviá-los aqui assim que chegar em casa.

—Não, você não pode sair.

Ela franziu a testa. Ele disse a coisa errada novamente. Ele repassou as palavras estranhas que ela tinha usado.

—Polícia? Quem são eles? Eles são seus... guerreiros?— Foi a palavra mais próxima que ele pôde encontrar, mas ele sabia que não estava certa. Ela pensaria que ele era estúpido por não entender. Ele sentiu o rosto esquentar.

Com a testa franzida ela deu um passo em direção a ele. —Você realmente não entende não é?— A voz dela era baixa e suave.

Taurian não se importava que seu plano foi bem-sucedido. Ele tinha a intenção de mostrar uma pequena fraqueza cuidadosamente controlada, apenas o suficiente para levá-la a ajudá-lo. Apenas um pouco, ele não precisava muito da sua ajuda. Ele se endireitou e deu um passo na direção dela, com a intenção de passar por ela e provar sua força, mas logo que as mãos dele deixaram o estrado, ele tropeçou e caiu de joelhos.

Ela correu para ele, colocando as mãos em seus ombros.

—Você está bem? Temos que ir a um hospital.

Mesmo que ele não conseguisse identificar o significado da palavra, suas mãos sobre ele o ajudaram a ver o suficiente para saber que um hospital era o último lugar que ele precisava estar. Muitas pessoas, muito risco.

Ele estendeu a mão e pegou a dela.

—Não, eu vou ficar bem. Eu só preciso ficar perto de você por alguns minutos, então eu vou ficar mais forte. Não posso ir ao hospital...— sua voz tropeçou sobre a palavra desconhecida. A falta de entendimento tornou mais difícil de pronunciar. —Só preciso ficar perto de você.

Ela estremeceu. Ele poderia dizer a partir da mudança na sua energia que estava sendo assustador novamente. Ela não entendeu sobre a energia, e ele suspeitava que tentar explicar iria apenas assustá-la ainda mais.

Ele já podia sentir a energia dela começando a recuar. Se ela o deixasse agora, ele poderia nunca recuperá-la.

Então ele recorreu à sua reserva e usou um fio de energia que já tinha recuperado. Olhou nos olhos dela, os seus próprios ficando ligeiramente nublados enquanto se transformava um pouco, em sua forma de dragão. A falta de energia afetou a sua precisão, e ele não conseguiu escolher quais partes transformar. Sentiu as escamas aparecerem ao redor dos olhos, e puxou para trás enquanto sentia suas unhas se transformarem em garras.

Ela tropeçou, caindo de traseiro no chão, olhando para ele de olhos arregalados.

—O que é que foi isso?

A surpresa dela era real, ele podia sentir o cheiro. Ela não tinha ideia sobre quem ele era. Mesmo que ela fosse um dos outros humanos ou tenha sido

recrutada para trabalhar para o clã Trima, eles haviam escondido os detalhes dela.

Não havia escolha, ele ia ter que admitir a verdade e esperar que ele pudesse confiar nela. Não poderia ser pior do que aquilo que ela já deveria estar pensando.

—Eu sou um dragão.

Capítulo 04

Karla olhou para o homem na frente dela. O que ele estava dizendo era impossível. E no entanto, nada mais explicaria o que acabara de acontecer.

Não havia como negar, ela definitivamente tinha visto escamas ao redor dos olhos dele. Escamas douradas.

Tinha que haver uma explicação. Uma razoável. Tinha que haver. Talvez fosse alguma espécie de condição de pele estranha. Ou algum tipo de truque de cinema. Mas mesmo tendo pensado nisso, ela sabia que não podia ser. Só que, algumas escamas não faziam dele um dragão. Ele ainda era humano, como ela era.

—Você não parece um dragão.

Ele balançou em desequilíbrio e sorriu. —Os dragões não têm asas e escamas o tempo todo. Esta é a minha forma humana. Não tenho energia suficiente para mudar para a forma de dragão agora, e mesmo que tivesse, seria um pouco apertado se eu tentasse fazê-lo dentro desta caverna.

Ele parecia tão normal.

Karla não conseguia conciliar sua aparência completamente normal com as loucuras que ele dizia. Não que ele parecesse exatamente normal, ela tinha de admitir. Se ele não fosse louco talvez fizesse sentido, os dragões não teriam um aspecto quente?

Seu corpo malvestido era mais como David de Michelangelo do que qualquer outro homem moderno que ela conhecesse. Mas mesmo aquela brilhante peça de escultura parecia fria. Ela corou, lembrando como sua pele

estava quente sob a mão dela. Ela balançou a cabeça. Ele era uma pessoa ou um dragão louco. Ela não iria sentir o peito dele novamente, então era irrelevante.

Ela decidiu distraí-lo enquanto tentava descobrir qual fora o truque que ele usara. —Então se você é um dragão, o que faz aqui?

Ele franziu o cenho. —Eu estava no transe Mesmer, me recuperando de minhas feridas. Não sei o que aconteceu enquanto eu estava dormindo, mas eu suspeito que não foi bom. Preciso encontrar meus irmãos e irmãs. Eles serão capazes de me dizer.

Havia mais deles?

Os pelos da nuca de Karla se eriçaram. Um já era ruim o suficiente.

Mas provavelmente essa era apenas mais uma parte de seus delírios. Ela precisava questioná-lo sobre eles. —Seus irmãos e irmãs também são dragões? Porque se assim for, eu acho que já os vi em algum lugar. Estou assumindo que um dragão seria meio difícil de perder.

—Nos mantivemos assim por muitos anos, pois tivemos problemas com humanos antes. É melhor se nosso povo se mantiver afastado, e isso significa não deixar que os humanos saibam que estamos aqui.

O pensamento que dragões existiam neste mundo e se mantinham escondidos dos humanos todos esses anos era inacreditável. Karla não queria acreditar que podia ser verdade. —Nós temos explorado e fotografado todas as partes do mundo. Se houvesse dragões lá fora, alguém já teria notado.

Uma careta arqueou a sua sobrancelha. —Fotografado?— Ele tropeçou na palavra. —O que isso significa?

Ele realmente não tinha ideia, não era? Bem, aquilo ela poderia demonstrar pelo menos. Karla tirou seu telefone do bolso dela e segurou-o. Ele olhou para ela confuso quando ela tirou uma foto, e fechou os olhos com a luz do flash. Ela aproximou-se e lhe mostrou a imagem na tela.

Ele ficou olhando, seus olhos bem abertos.

—Que tipo de magia é essa?

Karla riu.

—Não é magia, é tecnologia.

Estava claro que ele não podia compreender a distinção. Ele olhou para a imagem balançando a cabeça.

—Você deve ser poderosa.— ele decidiu. —Você é perfeita para me ajudar a encontrar meu clã.

Sua necessidade era tão grande que ela quase podia sentir. Estava estranhamente tentada a assentir com a cabeça e concordar. Por algum motivo, ela queria realmente ajudá-lo, mesmo que a lógica e tudo o que sabia sobre o mundo gritasse que isso não podia ser real.

Talvez fosse por parecer tão fantástico.

Se sua história fosse verdade, seria uma grande aventura. Não era como se alguém estivesse esperando por ela na Inglaterra. Bruce tinha terminado com ela e disse-lhe para não voltar até que ela soubesse o que queria.

E uma parte dela realmente queria acompanhar a história dele, só por um tempo, para ver se ele realmente estava dizendo a verdade. Uma parte dela

queria jogar todas as suas responsabilidades de adulta ao vento e só ver o que acontecia.

Queria tanto acreditar que até se assustou. Esta deve ter sido a atração que a sua mãe tinha sentido. Seu pai sempre teve tanta certeza de sua mais recente expedição, e sempre fazia parecer tão emocionante, como uma grande aventura. A mãe dela tinha passado a vida inteira perseguindo essas aventuras e perdera a oportunidade de explorar a sua própria.

Karla não ia cair nessa. Especialmente levando em conta que isso era uma loucura. Não era mesmo real, não importa que coisas estranhas ela tenha visto.

—Não posso.— ela disse. —Vou pegar um avião e voar para Inglaterra amanhã.— Sua voz vacilou. Essa foi a decisão sensata, realista.

—Você vai embora?

Seus olhos de ouro brilhantes a desconcertaram. De alguma forma, ela sentiu vontade de dizer não, mesmo que isso não fosse a resposta correta. Ela desviou o olhar, observando o céu lá fora que escurecia com o pôr do sol. Era mais fácil falar quando ela não estava olhando para ele.

—Não imediatamente. Amanhã. Eu vou para casa. Minha passagem já está reservada.

—Você não pode ir. Eu preciso de você.— Taurian se mudou para ficar na frente dela. Ele pegou as mãos dela nas suas.

A intensidade dos olhos dele despertou uma turbulência de emoções dentro dela.

Não, ela não estava se apaixonando. Especialmente não por alguém que ela mal conhecia.

Karla sacudiu as mãos fora das dele e se dirigiu para as escadas. Ela precisava ficar longe dele, lá fora, ao ar livre. Talvez o ar aqui não estivesse tão fresco afinal. A cabeça dela rodou. Ela estava começando a se sentir claustrofóbica.

—Não, não vá lá fora, não é seguro.— Ele seguiu um passo atrás dela, sua presença aumentando a sua tensão, até sentir que poderia estourar. Não é seguro lá fora? Certamente não era seguro aqui.

Karla correu os últimos passos até estar do lado de fora. Foi um alívio sair novamente. Ela respirou fundo, sentindo o ar fresco.

O sol estava baixo no horizonte, prestes a esconder-se por trás de algumas nuvens. Se ela não estivesse em casa em breve, o pai dela a viria procurar.

Tudo voltaria ao normal depois de ela ficar longe dessa coisa dragão/humano. Ele estava certo, ele precisava de ajuda, mas não dela. Ela poderia chamar a polícia, e eles iriam fazer com que ele tivesse a ajuda certa. Ajuda psiquiátrica. Isso era o que ele precisava.

Ela dirigiu-se para a picape, mas antes de ter dado mais alguns passos, um grito agudo eriçou os pelos do pescoço dela. Ela se virou lentamente, com medo do que iria ver. Nada mais iria surpreendê-la hoje.

Mesmo assim, a visão de um verdadeiro dragão com uma longa cauda, asas, chifres e tudo, em silhueta contra o pôr do sol, fez ela se sentir de pernas fracas. Ela ficou congelada no lugar, incapaz de tirar os olhos dele.

Maldito inferno! Ele não estava inventando. Ele era um dragão.

—Precisamos nos mover daqui, agora.— Taurian agarrou seu cotovelo, puxando-a para perto dele, e Karla olhou duas vezes. Não era ele? Havia outro dragão? Ela olhou para ele e para o dragão crescendo rapidamente no céu.

—O que o...— Ela nem sabia por onde começar.

—Ele é de um clã rival, meu inimigo. Seu também, agora.

—Meu?— A voz dela saiu em um rangido. —Isso não tem nada haver comigo.

—Agora tem.— disse, antes que seus lábios reivindicassem os dela.

Se Karla tinha pensado que os olhos dele eram intensos, isso não era nada em comparação à sensação de seus lábios nos dela. Ela tinha tido muitos beijos antes, mas isso era completamente diferente. Sua respiração era quente e irregular, e suas mãos emaranhadas em seus cabelos, a seguravam firme contra ele. Fogo líquido subiu através de suas veias, queimando o gosto dele dentro dela.

O outro dragão gritou novamente, o som como se fossem unhas raspando num quadro negro, a trazendo de volta a si. O que ele estava fazendo ao beijá-la em um momento como este?

O que ele estava fazendo a beijando?

Ela o empurrou. —Como se atreve!

—Não há tempo para isso.— disse Taurian bruscamente. Ele se afastou dela e levantou uma das mãos, garras brotando de onde estavam os dedos. Antes que ela pudesse perguntar o que estava acontecendo, uma bola de fogo entrou em erupção, saindo de seus dedos e sendo lançada na direção do dragão que se aproximava.

Ele mergulhou rapidamente para evitar a bola de fogo, o movimento custando tempo e altitude. Ele se sacudiu mais intensamente.

—Onde é a sua tribo? Estaremos seguros se estivermos entre outros pois ele não ousará atacar se existirem muitas testemunhas.

Karla olhou para ele. Tribo? Apesar da frase estranha, se eles precisavam estar perto de pessoas, tinham que chegar ao Mungaloo. O único problema era que cidade ficava a pelo menos uma hora de carro. Ele realmente pensou que poderiam correr mais que o dragão?

Ela levou um momento para avaliar a velocidade do dragão. Seria mais rápido que a picape? Como ela costumava dirigir, sim. Mas à velocidade máxima? Talvez não. Era melhor do que ser encurralada na caverna abaixo, então ela arriscaria.

O que ela realmente deveria fazer era deixar Taurian aqui. Ele era aquele a quem a besta perseguia. Sozinha, ela poderia provavelmente fugir mais facilmente.

De alguma forma, ela encontrou-se agarrando a mão dele e puxando-o para o veículo. —Por aqui.

Capítulo 05

Taurian seguiu Karla prontamente, só hesitando quando viu o pequeno abrigo estranho para onde ela tentou empurrá-lo. Mesmo sendo de metal, não seria forte o suficiente para suportar a explosão de fogo do outro dragão.

Ela puxou a sua mão com mais firmeza. —Venha, é a nossa única esperança de escapar.

Se esconder em uma caixa não seria correr mais do que um dragão. Sobre o que ela estava falando?

Taurian lembrou-se do estranho dispositivo que ela havia mostrado a ele, com o qual havia capturado sua imagem. Talvez essa fosse mais uma coisa da sua estranha magia. Alguma coisa tinha que ser melhor do que ficar ali, à espera que o dragão viesse destruí-los.

O breve beijo tinha feito pouco mais do que melhorar sua energia. Mas certamente não o suficiente para mudar para a sua forma de dragão. Ele não conhecia o outro dragão, então ele não poderia julgar sua força, mas não importava. Ele não seria capaz de resistir a uma batalha contra qualquer dragão em sua condição atual. Qualquer alternativa valia a pena. Taurian deixou a mulher empurrá-lo para dentro da caixa e em seguida se moveu enquanto ela deslizava ao lado dele.

Ela mexeu em algo do outro lado de um grande círculo na frente dela, então de repente o abrigo deu um rugido. Tudo se sacudiu bruscamente para em seguida começar a se mover para frente. Lentamente no início, depois ganhando

velocidade. Seu voo era mais áspero do que o seu próprio e não pareceu deixar o chão, mas para um ser humano, era algo incrível.

Taurian olhou para a mulher com respeito. Ele tinha ouvido falar que os seres humanos tinham armas que poderiam rivalizar com a garra de um dragão, mas isto foi muito além de qualquer coisa que ele tinha imaginado. Ela devia ser poderosa entre seu povo. Certamente algo digno de sua atenção.

Na ausência de um dragão, ela era a candidata perfeita para a ligação de Mesmer. Ela o ajudaria a restabelecer sua força e a estar pronto para recuperar o lugar legítimo de seu clã. Se o clã de Ultrima a tinha enviado para ele, o outro dragão tinha cometido um grave erro. Pois ela não o deixou.

Mas ele poderia se preocupar com isso mais tarde. Primeiro, eles teriam de escapar do dragão. Ele se virou, agarrando tudo o que conseguiu para evitar ser sacudido. O dragão era fácil de identificar, as suas asas batendo fortemente para os acompanhar. Um olhar mais prolongado só confirmou o que ele tinha pensado antes, ele não reconhecia o dragão. Sua cor prata indicava que era um dragão relâmpago e provavelmente um dos dragões do clã Ultrima. Por quanto tempo ele dormiu para que Ultrima tivesse dragões que ele não reconhecia?

Ele colocou a preocupação de lado. Haveria tempo para montar quebra-cabeças sobre isso mais tarde. Depois de eles terem fugido.

A mulher deve ter pensado a mesma coisa. —Você não pode jogar um pouco mais dessas bolas de fogo? Isso pode atrasá-lo.

—Ainda estou fraco do Mesmer, e um beijo não foi suficiente para que eu seja capaz de fazer muito. Mas posso tentar.

Ela deu-lhe um olhar estranho, que desapareceu quase imediatamente. — Faça o que puder.— Ela brincava com alguma coisa ao lado dela, e a parede transparente ao lado dele começou a mover-se, deslizando para baixo, fora da sua vista.

Não havia fim para a magia desta mulher?

Ele agarrou a borda da abertura e chegou perto o suficiente para colocar a cabeça para fora e verificar a posição do dragão.

O dragão estava ganhando terreno. Esta 'coisa', embora impressionante, não era rápida o suficiente para salvá-los.

Ele precisava fazer alguma coisa. Agora.

Taurian concentrou-se, tentando invocar energia suficiente, e quando ele estava prestes a jogar a bola de fogo, ele ouviu um som familiar.

Ele puxou a cabeça para dentro da estrutura metálica, ficando tão longe da borda quanto podia. Ao mesmo tempo, ele bradou:

—Mergulhe!

Um relâmpago surgiu em torno da estrutura, quebrando e assobiando. A mulher gritou e se empurrou para trás, o rugido da besta cortando abruptamente. A ‘coisa’ que eles estavam foi jogada para o lado, atirando-a contra ele, Taurian agarrou seu corpo quente e suave, e a segurou.

Por sorte, a terra ao redor deles era plana enquanto eles rolavam pelas duas faixas que estavam seguindo, batendo contra o chão antes de pararem por completo.

Taurian absorveu a energia da mulher durante o tempo que ele a segurou, antes de ela o empurrar.

—O que diabos foi isso?

—Ataque relâmpago do dragão.

—O dragão sopra raios?— A voz dela era fraca.

—Lança-os na verdade, da mesma forma que eu joguei a bola de fogo.— Taurian respondeu enquanto se retorcia no banco, tentando ver onde o dragão estava agora. Devia ser mais fácil agora que eles não estavam se movendo, mas ele não conseguia ver a besta. Onde ele estava?

—Isso é demais para minha cabeça. — a mulher disse categoricamente. — Você está por conta própria. Se formos em direções diferentes ele terá de escolher um de nós a seguir. Aposto que ele irá atrás de você em vez de mim. Saia da picape.

—Nós seremos mais fracos se estivermos afastados. O dragão pode facilmente explodir nós dois se nos separarmos, nossa melhor chance de sobrevivência é ficarmos juntos. A menos que tenha algum tipo de arma?

Taurian esperava que ela dissesse que sim, mas não ficou surpreso quando ela negou com a cabeça. —Não preciso de uma arma, ele só está interessado em você.

—Ele não tem necessidade de escolher, ele pode facilmente matar nós dois.

Era a verdade. Ou perto disso. Ele não achou que agora fosse um bom momento para mencionar que se o dragão o matasse, o vínculo de Mesmer a mataria também.

Nenhum deles iria sobreviver a este encontro se se separassem.

—Tudo bem, se você não sai, eu saio.

Taurian olhou para ela em estado de choque, quando ela alcançou algo e abriu a porta da picape. Ele conseguiu agarrar a sua mão enquanto seus pés batiam no chão lá fora. Ele puxou o máximo que pôde, arrastando-a para dentro da picape, enquanto o raio atingia o chão ao lado de onde ela estivera parada.

Pelo menos agora ele sabia onde estava o dragão. Diretamente em cima.

Ela murmurou alguma palavra que ele não conseguiu entender, o rosto branco como a neve. —Pensando melhor, qual é seu plano?

Taurian a observou por mais um segundo, mas como ela não fez mais movimentos para deixar o abrigo duvidoso, ele se virou tentando ver o dragão sem se expôr. —A picape ainda se moverá?

—Não sei, a parte elétrica deve ter fritado depois disso.

Mas ela pegou o grande círculo na frente dela e mexeu em alguma coisa. A picape rugiu outra vez de volta à vida.

—Aguarde.— ela instruiu e puxou o círculo. Parecia ser como se ela conseguisse controlar a besta. —Me avise se houver mais algum raio vindo.— ela ordenou.

Taurian poderia fazer melhor que isso. Ele pretendia fazer seu melhor para garantir que não existissem mais.

Em uma luta direta, em seu estado atual, o outro dragão teria vantagem sobre ele. Felizmente, surpreendido pelo movimento repentino da picape, o

dragão ficara para trás. Ele recuperaria rapidamente o terreno perdido, mas daria a Taurian ainda alguns segundos. Olhando para o espaço livre atrás de onde eles se sentavam, só teve de colocar uma mão na abertura para lançar uma bola de fogo no dragão.

Ele prendeu a respiração enquanto o fogo voava pelo ar e o dragão desesperadamente baixou a cabeça. Mas ele estava perto o suficiente e não teve tempo de esquivar-se completamente. A explosão o atingiu na ponta de uma das asas.

Taurian sorriu quando o grito de dor do dragão encheu o ar, e a picape balançou freneticamente de um lado para outro.

—O que está acontecendo?— a mulher exigiu. —Você o atingiu?

—Sim, na asa.— disse Taurian. Ele viu como o dragão ficou abalado. Ele continuou a agitar-se, mas com problemas, a velocidade dele tinha abrandado consideravelmente. A picape acelerou, desta vez se afastando.

A mulher girou o corpo, tentando ver pela janela de trás, fazendo com que a picape se desviasse. —Ele ainda nos segue?

Taurian também olhou para trás, mas a poeira que a picape levantara até então, quase tinha escondido o dragão. —Acho que sim. Embora não seja por muito tempo. Quanto tempo até chegarmos a sua tribo?

Ela olhou estranhamente para ele. —A cidade fica a cerca de uma hora.

—Uma hora? O que é isso?

—Olha, você precisa começar a me contar o que está acontecendo. Você realmente não sabe nada, ou esta é alguma brincadeira? Todo mundo sabe o que é uma hora.

Sua afirmação o preocupou. —Todo mundo?— ele perguntou. — Quem é todo mundo? Quando eu entrei no Mesmer, haviam apenas algumas centenas de pessoas vivendo nesta região. E eles nunca mencionaram nada sobre horas. Eles também não se pareciam nada com você.

A picape abrandou um pouco e o sacolejar diminuiu. Embora Taurian continuasse olhando para fora, o dragão não reapareceu. Parecia ter abandonado a perseguição, pelo menos por agora.

Ele se virou quando a mulher falou novamente. —O que é um.... Mesmer?

—É como se fosse um longo sono. Quando um dragão está gravemente ferido, o ritual de Mesmer permite que nossa cura seja mais rápida.

Ela balançou a cabeça, olhando à frente deles, resmungando sob sua respiração. —Eu nem acredito que estou discutindo isto.— Então mais alto ela perguntou, —Você foi ferido?

Taurian assentiu com a cabeça. —Meu clã lutou contra o clã Ultrima, o clã do dragão que nos atacou. Houve muitas baixas, mas nenhum dos lados conseguiu dominar. Após a última batalha, ambos os lados ficaram feridos e se retiraram para dormir e se recuperar. A guerra deveria ter continuado quando eu e meus irmãos e irmãs acordassemos. Mas algo deve ter corrido mal. Eu dormi muito tempo.

Teriam seus irmãos e irmãs acordado e lutado sem ele? Por que eles não tinham acordado ele? Ou tinham ficado presos no transe Mesmer também este tempo todo? Se houvesse alguém para responder às suas perguntas.

—Você deve ter dormido durante muito tempo.— disse a mulher lentamente. — Porque o Mungaloo está aqui há mais de cem anos, e parece que não estava aqui quando você foi dormir.

—O que é um ano?— Sua compreensão da palavra era confusa, mas ele tinha a sensação que significava muito tempo.

Ela franziu a testa, inclinando a cabeça para um lado. —Um ano é, bem, o tempo que leva a terra para dar a volta ao sol. Trezentos e sessenta e cinco dias, ou pôr-do-sol.

Trezentos e sessenta e cinco pôr-do-sol? Ela estava falando sobre um ciclo das estações do ano. Cem ciclos! Era impossível. O sono de Mesmer dura apenas alguns dias, uma semana para uma lesão muito grave ou um dragão idoso. Ele só tinha visto vinte e seis ciclos. Não havia como ele ter permanecido no Mesmer por tanto tempo.

Mas se ninguém tinha vindo para acordá-lo...

Todos os que ele conhecia teriam morrido?

Não. O clã Ultrima ainda estava caçando o clã de Rian. Eles teriam esquecido o rancor em cem ciclos se nenhum dos outros tivessem sobrevivido.

Ele não podia ser o único que restara de seu clã.

Ele não podia ser.

Capítulo 06

A estranha conversa exigia concentração suficiente para a ajudar a acalmar-se. Isso e cada minuto que nenhum raio atingiu a picape. Felizmente, o dragão estava muito atrás deles agora. Ela não tinha certeza de que o veículo pudesse aguentar uma segunda explosão.

Ela esgueirou outra olhada a Taurian que olhava pela janela, seu rosto em estado de choque.

A história dele era louca, insana, inacreditável.

No entanto o ataque do outro dragão era uma prova inegável. Tinha de ser verdadeira.

—Você está bem?— ela perguntou baixinho.

Ele nem olhou para ela. —Eles devem estar todos mortos. Não pode haver nenhuma outra explicação. Se eles ainda estivessem vivos, teriam vindo por mim.

—Você quer dizer sua família?

Seus olhos viraram-se para ela, seu tom dourado entorpecido. —Sim. Todos eles se foram.

A dor em seus olhos era mais intensa do que qualquer coisa que ela já havia visto antes. Mas ela poderia entender. Ela tinha estado lá. Aliviando um pouco o acelerador, ela estendeu a mão e repousou sobre a dele. —Desculpe.— ela disse calmamente.

Ele colocou a outra mão sobre a dela e, mais uma vez, ela se assustou com o calor de suas mãos. Ela ficou imediatamente ciente de onde exatamente eles estavam se tocando e de todos os lugares em que não estavam. Ela não deveria reagir tão fortemente a um simples toque, e quase retirou a mão. O instinto e o pensamento da expressão no rosto de Bruce quando ela não respondeu imediatamente à proposta dele, disse-lhe que ela realmente deveria se afastar. Mas quando um pouco do brilho voltou aos seus olhos, ela não teve coragem de retirar o conforto.

Isso é tudo o que foi, conforto para um colega, er… criatura na dor. Ela não tinha razões pessoais para querer tocá-lo.

Ela queria fazer um milhão de perguntas, repentinamente curiosa para saber tudo sobre ele, seu clã e a guerra de séculos atrás. Mas agora não era a hora.

Essas perguntas esperariam até que eles estivessem a salvo. Se alguma vez estivessem.

—Você acha que o dragão nos seguirá até à cidade?

Taurian olhou para ela, seu rosto em branco por um momento, até que suas palavras se registaram. Ele balançou sua cabeça. —Acho que não. Ele está ferido e provavelmente vai demorar um ou dois para se recuperar. E se sua tribo nunca viu um dragão, é porque eles continuaram evitando o contato humano. Não acho que ele vá quebrar isso para vir atrás de mim. Não em forma de dragão pelo menos.

Droga. É claro. Se ele era qualquer coisa como Taurian, ele podia parecer perfeitamente inocente. —Você o reconheceria na forma humana?— ela perguntou.

O aceno imediato de Taurian deu-lhe um grande alívio. —Sim, eu iria reconhecê-lo instantaneamente pelo perfume, mesmo que ele tente disfarçar sua aparência. Não se preocupe, ele não vai nos surpreender. —Ele fez uma pausa e de repente perguntou —Qual é o seu nome?

—Karla.

—Karla— A maneira que ele disse o nome dela era quente, gutural e totalmente único. —Eu gosto.

Por alguma razão, ela deu de ombros. —É apenas um nome.

—Não, é seu nome. O que o torna especial.

Que diabos? Seria melhor ele não ter ideias. —Eu tenho um namorado.— ela disse rapidamente.

De onde veio isso? Bruce havia deixado a separação deles bem clara. Se ela não poderia dizer sim à sua proposta, então não havia futuro para eles.

—Namorado?— Seu nariz enrugou quando ele disse a palavra, como se cheirasse mal. —É alguém que quer ser seu companheiro?

—Sim.

—Você deve gostar muito dele.

Seus pensamentos sobre Bruce estavam em um grande tumulto para ela mesmo saber como responder a essa afirmação. Então ela apenas encolheu os ombros e mudou de assunto. —O que vamos fazer quando chegarmos à cidade?

—É melhor irmos para sua casa dormir. Devemos descansar enquanto possível, para estarmos preparados. O dragão vai se curar rapidamente, e haverão outros.

Karla estremeceu com o pensamento.

E as palavras de Taurian a deixaram em um dilema. Quando o outro dragão tiver se curado, ela já estaria de volta a Inglaterra. Uma parte dela estava aliviada porque o problema não era dela. Outra parte dela sentia-se mal por Taurian. Ele não conhecia ninguém em Mungaloo. Ele nem sabia como tudo funcionava.

Ela realmente não podia largá-lo na estrada e dizer-lhe para encontrar seu próprio caminho.

Mesmo que o inimigo estivesse fora do seu caminho.

Mas que outras opções haviam? Era mais justo levá-lo para casa e envolver o pai dela?

Ela deu uma risada. Ela tinha certeza de que seu pai ficaria zangado se não o fizesse. Ele ficaria encantado de ouvir que havia um segredo em Dragon Scales afinal. E não havia como ele considerar deixá-la enfrentar isso sozinha.

—Está rindo de quê?— Taurian perguntou curiosamente.

—Da reação do meu pai quando eu te levar para casa e disser que encontrei um dragão.

Uma carranca cruzou seu rosto. —Eu prefiro não contar a mais ninguém sobre ser um dragão. Não é para compartilhar nosso segredo com seres humanos. Eu só te disse porque não havia outra escolha.

—Bem, certamente não vou levar você para casa e esconder de meu pai que você é um dragão e que seu inimigo dragão poderá vir e fritá-lo com um raio a qualquer momento.

Taurian parecia embaraçado. —É claro. Desculpa. Eu não sabia que morava com seus pais.

—Não. Eu vivo na Inglaterra. Mais longe do que você pode voar.

Claro, ela não sabia quanto ele podia voar de uma só vez. Ela tentou calcular o tempo que levaria para cruzar o oceano, já que o outro dragão só poderia acompanhar a picape, mas desistiu. Seriam dias de qualquer forma. Atravessar o oceano estava provavelmente fora de seu alcance.

—Por que você vive tão longe do seu pai? Você não gosta dele?

—Claro que gosto dele! Eu o amo. As coisas são diferentes agora. Nós temos maneiras de atravessar essa distância rapidamente e nos comunicamos ainda mais facilmente. Não é tão longe, realmente.

—Então não é difícil para você continuar por mais tempo? Até o... hum... dragão ser um problema resolvido.

Karla estremeceu. O pensamento de ficar tão longe do dragão que lança relâmpagos parecia uma boa ideia agora. Não era problema dela. Nada disso era. Ela poderia simplesmente deixar Taurian em uma delegacia de polícia, e ele poderia explicar seu problema a eles.

Essa seria a coisa sensata a fazer.

Não importava que ela nunca descobrisse o que viesse a acontecer com ele depois disso. Ela ficaria segura de volta a Inglaterra. Ela tentou se convencer que era uma coisa boa, mas ela não estava comprando a ideia.

Agora ela sabia por que sua mãe achou tão fácil dizer sim ao seu pai em vez de seguir seus próprios sonhos. Karla precisava ser mais forte que isso.

—O dragão não é problema meu, é seu.

—Ele já a viu e sabe que você está conectada a mim. Ele vai matar você se ele puder encontrá-la.

As mãos de Karla apertaram o volante. Como podia ele dizer isso tão calmamente? —Mais uma razão para eu ir para Inglaterra. Ele não será capaz de me encontrar lá.

—Não é assim tão simples.

—Talvez não para você. Mas é para mim. Só pegar um avião e desaparecer.

—Se você me deixar, você ficará fraca e doente, assim como eu. Estamos ligados pelo vínculo Mesmer.

—O quê?— Karla olhou para ele e a picape se desviou para seguir o olhar dela. Felizmente a estrada estava deserta. —O que você está falando? Que ligação de Mesmer?

—Um dragão deveria ter estado lá para me acordar, eles entendem a responsabilidade do vínculo de Mesmer. Preciso de contato físico para concluir o processo de regeneração. E até que o ritual esteja completo, nós estamos ligados e não podemos ser separados.

Ela se esforçou para seguir o que ele estava dizendo, para assumir as implicações. —Contato físico? O que exatamente você quer dizer com isso?

—A maneira usual é que os dragões acasalem. É o método mais simples e mais rápido.

Suas palavras produziram uma reação instantânea, acendendo o mesmo fogo líquido que a atravessou quando ele a tinha beijado. Como seria acasalar com um dragão na forma humana? Se sentiria tão diferente como os seus lábios a haviam feito se sentir?

Ele tinha que estar inventando.

Sim, como se estivesse inventando tudo o que ele havia dito. Uma sensação nervosa começou no fundo do seu estômago e irradiou. E se fosse verdade? Ela estava presa no meio desta confusão, sem saída, exceto...

Ela evitava o pensamento.

—Essa não é uma opção. Eu tenho um namorado, lembra?

—Sim, claro. Eu simplesmente mencionei isso como a resposta normal. O contato físico permanente também funcionará, embora demore muito mais. Talvez dez pôr-do-sol. Talvez mais.

Ela sentiu alívio misturado com uma pontada de desapontamento com as suas palavras. Então este não era o tipo de magia em que ela realmente não tinha como não dormir com ele. —É muito melhor. Dez dias é possível, embora eu tenha que ligar para Bruce e lhe dizer que vou ficar um pouco mais.

Por que ela havia dito isso? A menos que ela tivesse uma resposta à sua proposta, o que ela certamente não tinha neste momento, Bruce não esperaria ouvir nada dela.

—Bruce é seu companheiro?

Ele queria ser. Mas se ela retribuísse algum dos seus sentimentos, porque ela estava tendo essa atração estranha por outra pessoa agora? Talvez não tivesse nada haver com ela, talvez fosse tudo por causa desse vínculo do qual ele falou.

Ou talvez fosse apenas porque tudo isso era tão excitante e diferente do que ela estava acostumada.

Sim, provavelmente era isso.

Uma vez que isto tivesse terminado, e ela estivesse de volta a Inglaterra, ela se sentiria...

Decepcionada.

Não. Não decepcionada. Instalada e segura. Seguindo seu próprio sonho. Isso era muito melhor do que esta tentação emocionante. O entusiasmo desapareceria com o tempo mas a segurança iria permanecer.

—Ele é?— Taurian repetiu.

Karla assentiu com a cabeça. —Sim, é.— ela confirmou.

Por que ela sentiu que estava mentindo? Poderia ser verdade. Tudo o que ela tinha que fazer era dizer a palavra. Bruce ainda estaria esperando, ela tinha certeza de que mesmo que ele tenha feito um grande esforço para esclarecer que as coisas tinham acabado entre eles, ele ainda esperava que ela mudasse de ideia

Taurian a encarou, e ela suspeitava que ele tivesse mais a dizer, mas naquele momento eles atingiram o limite da cidade, e ele estava muito ocupado olhando tudo para continuar a interrogá-la. De olhos arregalados ele não falou nada por alguns instantes, antes de se voltar para ela. —Esta é sua... aldeia?

Ele não parecia ter entendido que ela não morava aqui. Karla desistiu de tentar explicar. —Está mais para uma cidade. Cerca de oito mil pessoas vivem aqui.

Taurian ficou embasbacado. —Oito mil? Esta é uma poderosa cidade.

Karla riu. —Não, apenas uma pequena cidade rural. Brisbane, a capital que fica a algumas horas de distância, tem quase 2 milhões de pessoas.

—Você está inventando isso.— Sua voz era plana com descrença.

—Não estou.— Karla insistiu. —E Brisbane é apenas uma cidade pequena para os padrões do resto do mundo. Londres, onde moro agora, tem muitas vezes esse número.

Taurian sacudiu a cabeça em descrença. —Tantos humanos. É difícil de acreditar. Não admira que os dragões tenham continuado a se esconder de vocês. Com esses números, não importa quão pequeno e fraco vocês sejam individualmente.

Ele tinha razão. O dragão podia ser assustador para ela sozinha, mas os militares, com suas armas, teriam pouco trabalho com ele. Diabos, ele provavelmente não conseguiria fazer nada contra uma espingarda. Um sorriso de alívio se espalhou por todo o seu rosto.

Então lembrou-se. Ela não tinha uma espingarda. E ninguém que ela conhecesse tinha também. E de alguma forma, ela pensou que chamar o exército

não seria um bom plano. Ela tinha visto filmes de ficção científica. Assim que ela dissesse que tinha visto um dragão, eles iriam logo querer estudá-lo.

—Provavelmente será melhor que você não apareça muito.— ela disse. — Então não conte a mais ninguém que você é um dragão, e não faça nada dessas coisas estranhas.

Capítulo 07

O pai de Karla olhou de lado para Taurian e em seguida puxou-a de lado. Não tão longe que Taurian não pudesse ouvir as suas palavras. —Tem certeza que você está bem, K?

Por que eles achavam a sua história tão difícil de acreditar? Ele acreditava nas suas fotografias e confiava nela com a picape, porque a sua história seria mais estranha que isso?

Karla deu um sorriso a seu pai. —Eu não sei, me diga você. Se você tiver uma explicação razoável para tudo o que aconteceu hoje, incluindo os danos na picape, eu adoraria ouvir. Até lá, estou inclinada a acreditar na história de Taurian e em meus próprios olhos.

Suas palavras aliviaram um pouco o aperto ao redor do seu coração. Pelo menos ela acreditava nele. Era um começo. Tinha esperança que com o passo seguinte, estaria ganhando a confiança dela.

O pai dela olhou através da janela para a picape estacionada nos fundos. A escuridão tinha envolvido a sua casa no momento em que chegaram, mas o dano era inconfundível. —Um dragão realmente jogou um raio em você? E você sobreviveu?

Karla encolheu os ombros. —Algo assim.

O pai dela a olhou de cima a baixo, como se à procura de danos ocultos. Taurian ficou rígido perante a aparente falta de fé na sua proteção.

—Então, um dragão?— A voz do pai dela estava ainda mais baixa, mas ainda perfeitamente audível. Ele olhou para Taurian novamente.

Taurian manteve o seu olhar calmo, e ele olhou para a filha dele rapidamente. —O que vai fazer com ele?

Taurian endureceu com as palavras, apesar de ter certeza de que não deveria ouvi-las.

Quando os olhos de Karla seguiram os do pai, o calor neles acalmou a sua indignação. Ela desviou o olhar rapidamente dizendo —Encontrar-lhe algumas roupas para começar. Na verdade, talvez você possa ajudá-lo com isso. Eu preciso ligar para Bruce e lhe dizer que vou ficar mais alguns dias e ver se eu posso mudar minha reserva.

O que estava errado com suas roupas? Taurian olhou para baixo para as práticas calças de couro. Evidentemente, ele teria escolhido outra coisa para essa situação, mas para o Mesmer, elas eram as melhores. Fácil de fazer o contato necessário com seu parceiro e fácil de remover no passo seguinte. Esse pensamento aqueceu seu sangue, então para distrair-se ele examinou o que Karla e seu pai estavam usando.

Suas roupas cobriam um pouco mais do que as dele. Talvez esses humanos fossem tímidos. Os poucos humanos que ele tinha visto não usavam muito também, o que era prático neste clima.

Seu pai parecia duvidoso, mas assentiu com a cabeça de qualquer forma. —Vou tentar.— Ele virou-se para Taurian e levantou a voz um pouco. —Vamos, vamos ver se conseguimos arrumá-lo.

Os olhos de Taurian seguiram Karla quando ela saiu da sala, e uma coceira começou quando ela estava fora de vista. Ele nunca tinha estado tanto tempo sem completar o ritual de Mesmer, por isso essas sensações eram novas. No entanto, já tinha ouvido tudo sobre isso. Primeiro a coceira, em seguida as dores e, a partir daí, só tendia a piorar.

Apesar de todo o seu corpo o pedir para ir atrás de Karla e permanecer tão perto dela quanto pudesse, de preferência a tocando, ele se obrigou a sorrir e a acenar para o pai dela, e então o seguiu através de outra porta.

Ela estaria sentindo a mesma coceira que ele. Esperava que isso a ajudasse a perceber que ele falara a verdade sobre muito mais do que apenas ser um dragão.

O quarto que o pai o conduziu tinha uma cama de aparência suave com uma capa colorida. O homem atravessou a sala e abriu uma porta menor com uma tela mais colorida por trás. Ele se virou e olhou Taurian de cima a baixo. —Acho que somos semelhantes o suficiente para usarmos o mesmo tamanho.

Ele puxou algo com um padrão listado e umas calças compridas, ambos semelhantes ao que ele usava.

Taurian olhou para ele. O homem esperava que ele usasse isso? —Não.

As sobrancelhas do pai de Karla ergueram-se. —Não?

Ele precisava ter cuidado, insultar o seu pai provavelmente não iria aproximá-lo dela. Mas havia um limite até onde ele estava preparado para ir. —Não acho que elas vão... servir...

—Bem, elas são tudo o que tenho. A menos que você prefira usar algumas roupas da Karla.

Que ele quis dizer aquilo como uma piada era óbvio pelo tom de sua voz, mas Taurian não conseguiu ver qual era o problema. Na verdade, o pensamento de usar algo que Karla tivesse usado o preencheu com um calor morno, confortável.

Se pelo menos ela não fosse mais baixa que ele, seria perfeito.

—Há algum problema com o que estou vestindo?

—Não é o suficiente.— disse o pai dela sem rodeios. —Definitivamente não se você quiser sair em público e provavelmente não para o conforto de todos em casa também.

Taurian suspirou. Porque a vida de repente se tornara tão difícil?

—O que está acontecendo?— Karla entrou na sala, e Taurian imediatamente se sentiu muito melhor.

—Ele não vai usar nada.— respondeu imediatamente o pai dela.

Karla ergueu uma sobrancelha para ele.

Taurian cruzou os braços. —Estou disposto a tentar fazer com que seu povo se sinta confortável com a minha aparência, mas não devo me sentir também confortável? Estas roupas não me servirão.

Karla olhou para as roupas que seu pai estava segurando, e um pequeno sorriso se contraiu no canto da sua boca. —Estou começando a entender. Bem, eu tenho uma camisa de Bruce, talvez fique melhor.

As roupas do pai dela ou do seu companheiro. Taurian não tinha certeza qual seria pior. Mas após mais uma olhada para a camisa listrada, ele decidiu que não poderia ficar pior. —Mostre o caminho.— ele disse.

—Obrigada, pai. Eu cuido disso.

O pai dela pareceu perdido por um momento, mas em seguida se animou. —Eu vou fazer o jantar.

O estômago de Taurian roncou com as palavras. Ele não comia há muito tempo. Há muito, muito tempo. —Isso seria maravilhoso.

Ele seguiu Karla para o outro quarto, olhando ao redor curiosamente. Esta cama era menor, só havia espaço para uma pessoa, e a capa era de uma única cor, laranja, com alguns pergaminhos elaborados na mesma cor. Mas toda a sala não tinha quaisquer toques pessoais. Havia livros e um guarda-roupa, mas apenas isso. Apesar disso, estava envolto no seu perfume e Taurian imediatamente se sentiu em casa.

Quando ela se curvou sobre uma caixa, revirando por mais roupas, ele se encontrou desfrutando dessa visão dela. Ela era cheia e curvilínea em todos os lugares certos e seu corpo se agitou com a vista.

Ele precisava esfriar esses pensamentos. Ela tinha um companheiro. Ele respeitava isso. Ele podia não gostar, mas ele respeitava.

Seu corpo não. Mas sua mente sim.

Seu corpo estava confuso com o vínculo de Mesmer e com o fato do ritual estar incompleto. A dor que ele sentia por ela era simplesmente a sua necessidade de obter uma regeneração completa da maneira mais rápida possível, ou seja, acasalando com ela. Mas isso viria com o tempo. Eles estavam

seguros agora. Era melhor aproveitar este tempo para seguir em frente neste novo mundo.

Ele ignorou o fato de que seus problemas poderiam ser facilmente resolvidos encontrando uma outra fêmea e um acasalamento. De alguma forma, esse pensamento não o atraiu nada.

Essas mulheres humanas estranhas eram difíceis de entender e muito poderosas para ele se arriscar e ficar arruinado. Além disso, quanto menos pessoas compartilhassem o seu segredo, melhor.

Karla se virou com um pedaço de tecido cinza e macio em suas mãos.

—Aqui. Pode ficar um pouco apertado, Bruce é um pouco menos... musculoso do que você. Mas provavelmente é melhor do que as coisas de papai. Eu deveria ter percebido que não iriam dar.— Ela hesitou por um minuto, mas em seguida estendeu o tecido na direção dele.

Taurian o apanhou das mãos dela, deixando a sua permanecer por um momento. Ele absorveu tanta energia quanto ele poderia naqueles poucos momentos antes dela puxar de volta as mãos. Ela se virou rapidamente, arrastando novamente a caixa.

O material era suave e quente, e Taurian ficou aliviado por sentir nada mais que um forte aroma de Karla nele. Nenhum vestígio do cheiro de outro macho. Levou alguns minutos para descobrir como funcionava. Mas o *design* era relativamente simples. Um buraco para a cabeça e dois para os braços. Ele o puxou com dificuldade.

Karla estava certa. Estava um pouco apertado. Mas a maneira como os seus olhos se arregalaram quando ela se virou, confirmou que era inteiramente adequado.

Ela limpou a garganta. —Hmm. Bem, amanhã podemos fazer compras de algo que se adapte melhor a você. Acho que serve por agora. Não tenho nenhuma calça que se encaixe, você terá de se contentar com o que você tem.

Taurian assentiu com a cabeça. —É suficiente.

Os dois ficaram ali por alguns momentos, se encarando. Taurian lutou contra o impulso de fechar a distância entre eles e colocar os braços em volta dela. Nunca sentira um puxão tão forte de um vínculo Mesmer antes. Mas também nunca tentara lutar contra.

—Falou com seu companheiro?

Seus olhos se nublaram. —Não.— A voz dela era baixa. Taurian tentou não se sentir muito satisfeito com qualquer sinal de discórdia entre eles. —Mas eu cancelei meu voo. Eu posso remarcar... quando as coisas estiverem arrumadas, eu acho.

Ela parecia perdida e com um pouco de medo. A necessidade de tocá-la se intensificou. Taurian aproveitou e estendeu as mãos para pegar as dela. —Lamento que tenha sido arrastada para isto contra a sua vontade.

Ela deu de ombros, mas não puxou as mãos fora das dele. —Você não teve culpa que isso aconteceu.— Os olhos dela olharam para ele, de repente afiados. —Ou teve?— Ela deu vários passos atrás, quebrando o contato.

Taurian balançou a cabeça imediatamente. —Eu nunca amarraria alguém ao vínculo Mesmer contra a sua vontade. Dragões sempre entraram no vínculo

voluntariamente. É uma honra muito especial ser escolhido como parceiro de Mesmer com um príncipe. Infelizmente, a primeira pessoa que me tocar, antes de eu acordar é a que fica ligada. Eu não tenho controle sobre isso.

Os olhos dela pareciam perfurá-lo e Taurian devolveu o seu olhar sem piscar. Era a verdade. Esperava que ela visse isso.

Ela relaxou. —Bem, acho que então fizemos o melhor possível. Não há muito que possa ser feito hoje. Papai vai ter o jantar pronto em um minuto, então vamos fazer a sua cama no sofá.

—Sofá?

—A grande cadeira macia no outro quarto. Não é tão confortável como uma cama, mas não temos um quarto vago. Sinto muito.

Um eco da coceira causou uma pontada nos seus ombros. Taurian estremeceu. —Não, nós precisamos ficar no mesmo quarto.

Ela franziu a testa. —Isso não vai dar certo. Papai não vai entender.

Ele estava surpreso e um pouco esperançoso de que as objeções de seu pai fossem sua maior preocupação. Ela estava começando a sentir isso também?

—Ficarmos distantes durante a noite vai desfazer qualquer conexão que acumulamos durante o dia. Para fazer isso sem a proximidade física do acasalamento teremos de ficar juntos o máximo possível. Eu preciso do ritual concluído logo que possível, antes de encontrar outro dragão.

Karla inclinou a cabeça para um lado. —Por que eles te odeiam tanto?— ela perguntou em voz baixa.

Memórias brotavam em Taurian, memórias que ele não queria recordar. — O líder do clã Ultrima, queria casar com a minha irmã, mas ela não estava disposta.— disse ele sucinto. —Todo o clã se considerou desprezado por sua recusa e ficaram determinados a se vingar.

—Esta batalha é por causa de uma mulher?— a voz de Karla parecia incrédula.

Ela não entendia.

—Não é qualquer mulher.— Taurian tentou explicar, —Minha irmã é uma princesa de Rian. É compreensível que ele deseje acasalar com ela, mas ela nunca se rebaixaria e se casaria com o clã Ultrima.

—Oh, então isto não é sobre se ela gostava dele ou não, mas que ele não era suficientemente bom para ela?

—Seu povo não escolhe os companheiros por essas razões? Fazer uma aliança de sucesso é importante, e os benefícios não devem ser menosprezados.

—Meu povo escolhe os companheiros por amor. Nos demos conta que, no fundo, todas as pessoas são iguais e igualmente dignas da chance de felicidade, riqueza e amor.

De alguma forma, as palavras dela fizeram o coração de Taurian doer. — Então você ama esse... Bruce?

—Isso não é da sua conta.— ela disse.

O coração de Taurian vibrou. —Não?

—Eu não disse isso.

—Não precisa dizer, eu posso ver nos seus olhos e ouvir na sua voz.

—Eu me importo muito com Bruce. Temos muito em comum.

—Mas você não o ama.— ele deu alguns passos mais perto dela.

Karla se virou, indo para a porta. —Como me sinto sobre Bruce é um assunto meu. Tudo o que você precisa saber é que eu pretendo ir para casa e me casar com ele logo que tudo isto esteja fora da minha vida. Estaria indo amanhã se não fosse por você.

Ele a analisou, olhando para ela por vários longos minutos. —Respeito sua decisão. Por agora. Vou dormir no chão se isso é o que deseja.

—Isso é provavelmente o melhor a se fazer.— Karla concordou.

Mas estranhamente, Taurian não estava desapontado. Ele podia ouvir a forma como o seu coração estava batendo.

Capítulo 08

Depois do jantar seu pai trouxe algumas almofadas e uma colcha para fazer uma cama para Taurian no sofá. Taurian não disse nada, apenas agradeceu ao pai de Karla educadamente e se deitou como se pretendesse dormir.

Karla desapareceu no seu quarto, precisando de alguns momentos sozinha para sossegar os seus pensamentos.

Não que eles se acalmassem. Num minuto ela estava totalmente acreditando em cada parte da história de Taurian, em seguida ela não podia evitar a suspeita de que ele estava inventando tudo.

Se ela não tivesse visto o dragão por si mesma, de forma alguma ela acreditaria nisto. Era incrível, mas também era impossível.

Sem mencionar o fato de que tudo parecia descaradamente projetado para levá-la para a cama. Todo este vínculo de Mesmer e a necessidade de sexo para ele se curar, bem, pareciam um pouco de invenção não? Um arrepio a percorreu, em parte excitação, em parte medo.

Se não fosse por sua confusão sobre Bruce, ela poderia simplesmente jogar a precaução ao vento e aproveitar a chance. Graças a Deus por isso, por algum fragmento de bom senso que a impedia de cometer um erro colossal. Ela sempre soube que Bruce era muito bom para ela e isto era apenas mais um exemplo disso. Não ter lhe dito sim, tinha sido seu maior erro.

Ela puxou o telefone e olhou fotos dela com Bruce, selfies que tinham tirado em algumas de suas viagens ao redor da Inglaterra. Seus rostos estavam juntos e

seus sorrisos eram enormes. O dela maior que o de Bruce. A sua natureza inglesa indicava que ele nunca se mostrava entusiasmado com nada.

Era parte do que sempre a atraira nele. Ele era firme, sólido, seguro. Ela sempre soube que queria ter uma casa estável, com alguém que estivesse acomodado. Alguém que não tivesse sonhos tão grandes que iriam dominar os seus próprios. E assim que ela conheceu Bruce, achou que ele poderia lhe dar isso. Então porque não era capaz de se comprometer? O que a estava segurando?

Esse fascínio por Taurian era apenas outra distração, como tinha sido voltar para a Austrália. Outra maneira de adiar de se comprometer com seus próprios sonhos. De alguma forma, seus próprios planos pareciam tão antiquados e chatos. Amava estudar culturas antigas e as pistas que tinham deixado, mas como isso poderia se comparar com o estudo da cultura dos dragões?

Karla balançou a cabeça. Como se ela pudesse escrever um artigo sobre dragões. Taurian tinha deixado claro que eles manteriam a sua existência em segredo, e ela podia ver muitas razões pelas quais seria um problema não respeitar isso. E sem provas de um dragão vivo e respirando, ninguém acreditaria nela. Ela seria motivo de chacota.

Não, não havia nenhum futuro nesta situação com Taurian. Ele não queria mais nada dela do que completar o ritual de cura. Assim que isso acontecesse, ele estaria longe daqui. E ela voltaria para onde ela queria estar, vivendo seu próprio sonho.

Se ela não tivesse perdido isso devido a seu próprio medo.

Impulsivamente ela discou o número de Bruce e esperou, seu coração batendo enquanto o telefone tocava.

—Olá, aqui é Bruce. Não estou disponível neste momento, por favor deixe uma mensagem.

Seu coração se afundou um pouco. Ele tinha mudado sua mensagem da secretária eletrônica. Só haviam se passado duas semanas. Era tarde demais?

Ela hesitou enquanto a máquina apitava ruidosamente, um som estridente que estremeceu seu coração. Uma mensagem como esta não seria para deixar em uma secretária eletrônica. Mas ela precisava dizer alguma coisa.

—Oi, sou eu, Karla.— Que coisa estúpida para dizer, ele reconheceria a voz dela instantaneamente, assim como ela tinha reconhecido a sua. —Eu, hum... Eu preciso ficar aqui um pouco mais, uma ou duas semanas. Mas assim que eu voltar, nós precisamos conversar. Ok?— Ela aguardou como se esperasse uma resposta para logo em seguida cair em si. —Ok. Bem, falo com você em breve.— Ela hesitou, palavras de amor estavam na ponta da língua, mas ela não podia obrigar-se a dizê-las. —Adeus.

Ela terminou a chamada, e as fotos que ela tinha olhado antes apareceram. Mas não importava o quanto ela encarasse as fotos, se focando em toda a diversão que eles tinham compartilhado, pois o pensamento de Taurian continuava se intrometendo. Sua ausência parecia causar uma coceira nos seus ombros, que só poderia ser apagada pela sua presença.

Não importava o quanto ela tentasse ignorar, só parecia aumentar. Ela estava quase pronta para desistir e ir à procura dele, só para ver se isso parava. Então ela percebeu que não precisava, porque a coceira parou de repente.

Ela suspirou de alívio. Ela apenas tinha imaginado isso. Não precisava ver Taurian afinal. Ele apenas tinha inventado essa necessidade de estarem perto um do outro...

Ela ouviu um movimento silencioso atrás dela. Sentindo a pele formigar, ela se virou, sabendo quem estava lá antes mesmo de ela o ver.

Taurian.

Inclinando-se sobre o batente de braços cruzados, seu corpo preenchendo-o e bloqueando a única saída, ele a olhou seriamente. A camisa de Bruce ficava apertada nos seus ombros, enfatizando seus braços musculosos. Realmente não escondia muito.

Senhor, ela nunca tinha visto um homem tão perfeitamente construído. Resistir à sua atração por ele seria muito mais fácil se ele fosse feio.

—Seu pai já foi para cama.

—Certo.— Ela devia dizer alguma coisa, mas o seu cérebro se recusou a trabalhar. Como é que ela ia dormir no mesmo quarto que ele? —Quer ajuda para se instalar no chão?

—Seria melhor se estivéssemos na mesma cama. Eu me regeneraria duas vezes mais rápido se nós nos tocássemos fisicamente.

Seu rosto estava inexpressivo, sem sinal de quaisquer intenções que não fossem as que ele afirmou.

Uma emoção de antecipação a percorreu de qualquer maneira. Ela a controlou impiedosamente. —Não acho que seja uma boa ideia.— disse rapidamente. —Nós não temos tanta pressa assim, ou temos? O outro dragão também não se machucou?

—Ele é apenas um dragão. Ultrima tem um clã inteiro. E mesmo aquele que foi ferido estará totalmente regenerado pela manhã. Eles virão nos procurar, e não poderei protegê-la com êxito se não estiver com minha força total.

Um arrepio involuntário percorreu a sua espinha ao pensar em mais dragões vindo atrás deles. —Mas você disse que eles não vem para a cidade, então enquanto ficarmos aqui estaremos seguros, certo?

—Não virão em forma de dragão, mas tenho certeza que eles virão nos procurar em forma humana logo que se recuperarem.

—Eles são perigosos em forma humana? Eles podem lançar raios?

—Assim como eu posso atirar fogo. Não é tão forte, mas também não precisa ser. Os corpos humanos são frágeis. Se eles nos apanharem longe dos outros, como aqui na casa do seu pai à noite, então eles terão chances de me destruir.

—Então o que vamos fazer se nos encontrarem antes de você estar totalmente curado?— Karla esperava que a sensação de pânico que a percorria não se revelasse na sua voz. De repente ter Taurian na mesma sala que ela parecia ser uma excelente ideia.

—Não tenho qualquer chance de os derrotar em uma luta se eles chegarem antes de eu estar totalmente curado.— Taurian disse calmamente. —A nossa única chance seria correr, como fizemos da última vez. Quanto mais poder eu conseguir recuperar, melhor.

Ele quis dizer isso, ou era apenas para a levar para a cama? Karla desejava poder saber. Se ela pudesse acreditar que esse era o único motivo, seria muito mais fácil descartar tudo isto como não sendo um problema dela.

Ela estudou seu rosto enquanto ele a olhava solenemente. Seu maxilar estava cerrado, um músculo se agitando de um lado. Seus olhos dourados não piscavam, seu olhar a perfurando. Ela não podia ver qualquer sinal de mentira.

Ele mudou ligeiramente o seu peso, e quando o fez, Karla pegou uma cintilação de outra coisa. Algo que a convenceu de sua sinceridade mais do que todas as coisas que ele tinha dito até agora.

Um pouco de medo.

Ele não estava mais confiante do que ela.

Por algum motivo essa constatação a fez sentir menos medo. Ela não era um peão indefeso no jogo de um dragão. Ela era, ou talvez pudesse ser, sua parceira. Apenas o tempo que levasse para se livrar dessa bagunça.

—Talvez seja melhor nós dois dormirmos na minha cama.— ela ofereceu. —Desde que eu possa confiar em você que não será nada mais do que isso. Isso é apenas para curar você tão rápido quanto possível, mas não tenho intenção de dormir com você para fazer isso, entendeu?

Para sua surpresa, o rosto de Taurian se contorceu numa careta. —Você planeja ficar acordada toda a noite?— ele perguntou confuso.

Ela levou um momento para perceber o que ele queria dizer. —Não, dormir juntos é um eufemismo, significa...— Ela tentou se lembrar das palavras que ele usou. —Hum... acasalamento.

Taurian deu um passo na direção dela, fechando a distância entre eles. Um perfume que Karla não conseguiu definir flutuava perto dela. Quente e inebriante, era todo Taurian. Ela engoliu em seco e resistiu à vontade de dar um passo atrás.

—Eu nunca dormiria com alguém contra sua vontade.

Oh, a tentação era forte. Karla não sabia se era o vínculo de Mesmer que, certamente, parecia jogar com as suas emoções. Ou seria só a forte presença dele?

—Bom.— ela conseguiu forçar para fora. —Então talvez devêssemos nos preparar para deitar.

Taurian não se mexeu. —Estou pronto.

—Bem, eu não. Me dê um minuto.— Karla disse. —E um pouco de espaço.

Ela não tinha certeza se queria empurrar ou se inclinar mais próxima dele.

Ok, isso não era completamente verdade. Cada parte dela gritava para ficar perto dele. Muito perto. Mas isso era o que ela realmente queria, ou era algo causado pelo vínculo Mesmer? Ela certamente tinha sentido algo estranho quando ele estava fora do quarto, e a maneira como tinha sido assim que ele voltou, mesmo antes de saber que ele estava lá, tinha sido completamente estranha.

Ela não podia confiar nesses sentimentos. Karla colocou suas mãos contra o peito de Taurian, ele não tinha qualquer conceito de espaço pessoal, e o empurrou. O calor subiu através dela assim que as suas mãos encontraram seu corpo. Mesmo através do tecido da camisa o contato a incendiou.

Karla suspeitava que facilmente poderia queimá-la.

Os olhos ardentes de Taurian queimaram dentro dela, mas ele deu um passo atrás. —Que tipo de preparações você precisa fazer?

Normalmente ela se trocaria, mas ele estava vestindo a camisa que ela usava habitualmente para dormir. E se ele ia ficar na cama com ela, não seria proteção suficiente de qualquer maneira.

Um traje completo de armadura provavelmente não seria suficiente.

Karla pegou uma calça de moletom e uma camiseta de sua mala. —Vou me trocar. Fique à vontade.— Ela não parou para ver se Taurian respondia, apenas fugiu do quarto para o banheiro no corredor.

O formigamento em seus ombros começou logo que ela deixou o quarto. Era realmente possível que a sua ausência a afetasse tão rápido ou ela estava imaginando? Isto seria insuportável se durasse toda a semana.

Karla se trocou rapidamente e voltou para o quarto, em parte pelo desejo de dormir, pois tinha sido um dia longo, e em parte para ver se a proximidade com Taurian resolvia esse formigamento.

Quando ela entrou no quarto ele ainda estava de pé onde ela o tinha deixado, olhando para a cama. Ele olhou para cima assim que ela entrou, e as linhas em seu rosto amenizaram assim que a viu. Ele sorriu, e Karla sentiu um sorriso de resposta erguer os cantos de sua boca.

O formigamento diminuíra, mas sem desaparecer completamente. Karla fez uma careta.

Ela se afastou de Taurian e caminhou até o lado oposto da cama. Tirando as cobertas ela examinou o colchão estreito. Por que ela concordara com isso? Havia pouco espaço para Taurian e muito menos espaço para ambos.

Karla tentou se imaginar dormindo na pequena cama ao lado dele, e o pensamento lhe provocou uma onda de calor. O movimento era muito íntimo

para que ela estivesse confortável com isso. Antes que Taurian pudesse falar qualquer coisa, Karla deslizou para a cama, tentando manter-se em um dos lados o máximo possível.

—Já terminou seus preparativos?

Como sua voz conseguiu soar tão sensual?

—Sim.— Karla respondeu.

O colchão mergulhou sob o peso de Taurian enquanto se sentava ao seu lado. Ele ergueu as pernas, recostando-se no travesseiro. Os ombros de Taurian ocupavam facilmente dois terços da cama.

Karla recuou tanto quanto podia, quase caindo fora da cama.

Taurian estendeu a mão e agarrou o ombro dela, puxando-a para a cavidade que ele tinha feito no centro da cama. Karla pôs a mão no seu peito para a impedir de cair completamente sobre ele. Seu calor irradiou através de Karla e o formigamento em seus ombros aliviou completamente.

Embora talvez fosse só porque tinha sido queimado pelas chamas que lhe lambiam a pele, causando um diferente tipo de necessidade.

Por um segundo Karla deixou-se imaginar como poderia ser dormir com ele. O peito dele era firme e os dedos dela se contraíram ao pensar em correr suas mãos por toda a parte, acariciando os mamilos firmes que pairavam tão perto da ponta dos dedos.

Seus dedos tremeram com a ideia de ele lhe retribuir o favor. Apenas a mão dele tocando a dela fez com que ela derretesse. O que sentiria se ele a tocasse nas suas áreas mais sensíveis? Como seria sentir que ele a enchia, empurrando

dentro dela? Por quanto tempo queimaria esse fogo que ela sentiu quando o tocou?

Os olhos dourados de Taurian a observavam calmamente. Dormir com um dragão em forma humana seria diferente de dormir com um homem normal?

Ela estremeceu ao pensar, metade pela excitação e metade pelos nervos.

Deveria recusar esta chance de descobrir? Ela nunca mais teria outra oportunidade como essa na vida. Será que ela poderia simplesmente ignorá-la? Ela poderia realmente lutar contra este sentimento?

Não, não era real. Tudo isto era causado pelo vínculo de Mesmer. E isso estava afetando o modo como ela se sentia. Era um pouco como estar bêbado, seu julgamento estava afetado. Não era a hora de tomar esta decisão. Ela precisava clarear a mente primeiro.

Precisava esperar até que o vínculo de Mesmer estivesse completo. Só então ela poderia dizer quais eram os sentimentos reais e o que era apenas uma invenção da estranha magia de cura do dragão.

Karla se sacudiu mentalmente. O que ela estava falando? Tudo isso era apenas o calor do momento, uma situação emocionante. Como ela poderia se sentir assim por alguém que ela conhecia há menos de um dia? Se ela não tivesse descoberto Taurian em Dragon Scales, ela teria regressado no dia seguinte para Inglaterra, para Bruce.

E isso era exatamente o que ela faria em uma semana, assim que tudo isso tivesse terminado. Ela não era uma pessoa de sucumbir a esse tipo de desejos impulsivos. Ela tinha sua própria vida para viver, seus próprios planos para colocar em prática.

Taurian respirou fundo e Karla sentiu seu corpo relaxar contra ela. A necessidade ardente de ficar mais perto dele aliviou um pouco, substituída pelo fogo do contato íntimo.

Isto era apenas um interlúdio de sua vida normal. Um doce e quente interlúdio.

Nada mais.

CONTINUA...